



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde FACES
Curso de Psicologia

THEREZA RAQUEL PEREIRA DE BRITO

**GÊNERO E SEXUALIDADE: INTERFACES ENTRE A TEORIA PSICANALÍTICA
E A CONTEMPORANEIDADE**

BRASÍLIA

2019

THEREZA RAQUEL PEREIRA DE BRITO

**GÊNERO E SEXUALIDADE: INTERFACES ENTRE A TEORIA PSICANALÍTICA
E A CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília
como requisito básico para a obtenção do grau de psicóloga.

Professor-Orientador: Juliano Lagoas

BRASÍLIA

2019

THEREZA RAQUEL PEREIRA DE BRITO

**GÊNERO E SEXUALIDADE: INTERFACES ENTRE A TEORIA PSICANALÍTICA
E A CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília
como requisito básico para a obtenção do grau de psicóloga.

Professor-Orientador: Juliano Lagoas

BRASÍLIA, 16 DEZEMBRO DE 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Juliano Moreira Lagoas, Dr. – UniCEUB

Prof. Guilherme Freitas Henderson, Me. - UniCEUB

Profa. Ana Flávia do Amaral Madureira, Dra. – UniCEUB

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Marli Felinto e José Brito, que me apoiaram e me auxiliaram em vários momentos durante o curso. Eu amo vocês. Obrigada por tanto, por tudo e por sempre.

Agradeço aos meus irmãos, Marcelo Brito, Guilherme Brito e Soraya Pereira, que me inspiraram e foram grandes influenciadores de importantes decisões nessa jornada. Obrigada por tanto.

Agradeço à minha mãe de alma, Fátima, que sempre me apoiou e que se mostra presente em todos os importantes momentos da minha caminhada.

Agradeço aos meus amigos de infância, Natália Rocha, Beatriz Cristina, Vitor Gomes e Gabriela Palos, que estiveram ao meu lado desde sempre.

Agradeço ao meu fiel amigo e irmão de muitas vidas, João Pedro Baccile, que me acompanha, me auxilia e se faz presente durante o meu caminhar. Amo você.

Agradeço aos meus amigos de curso, Antônio Victor e Larissa Marchelly, que estiveram incondicionalmente ao meu lado, me dando suportes emocionais e me auxiliando em diversos momentos da graduação, além de construírem um laço muito além da universidade.

Agradeço aos professores/as Ana Flávia Madureira, Camila Morais, Francielly Muller, Leonardo Mello e Juliano Moreira por acreditarem no meu potencial e fazerem parte de tantas mudanças nessa trajetória acadêmica, além de me inspirarem como pessoas, professores/as e psicólogos/as. Obrigada.

Agradeço à duas amigas especiais que me inspiram como pessoas e futuras profissionais: Barbára Costa e Ana Flávia Souza.

Agradeço à minha banda, que me escolheu e me acompanha em todos os momentos. Obrigada por sempre me auxiliarem e estarem ao meu lado me influenciando e me guiando. Amo vocês.

Agradeço imensamente à minha amiga e irmã de alma, Marina Maia, que me auxiliou e está presente ao meu lado espiritualmente, profissionalmente, artisticamente e fraternamente.

Agradeço à Nara Denise e ao Armand Geslot, que se mostraram presentes muito preciosos nessa reta final.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar as questões de gênero e sexualidade na contemporaneidade, buscando identificar, a partir de uma perspectiva psicanalítica, algumas das modalidades de subjetivação e de sofrimento psíquico presentes nesse contexto. Para isso, foram escolhidas a sexualidade e o conceito de identificação como principais eixos teóricos a serem seguidos, a partir dos olhares dos psicanalistas Freud e Lacan, assim como perspectivas socioantropológicas de Judith Butler, Berenice Bento e outros. Tal estudo foi realizado a partir de uma análise do discurso da autobiografia de Ney Matogrosso, intitulada de “Vira-Lata de Raça”, visto que a literatura tornou possível a discussão e análise dos temas a serem investigados. Também foi realizada uma análise do discurso de uma entrevista de um membro da população LGBT, a fim de estabelecer um diálogo entre os eixos teóricos encontrados no livro e no depoimento do participante escolhido. Destacou-se a importância de pesquisas que promovam debates e reflexões críticas acerca do preconceito e das práticas violentas direcionadas à comunidade LGBT, além da necessidade da continuidade de estudos no campo do gênero e sexualidade, junto a psicanálise, visando contribuir para novas perspectivas sobre o tema dentro da ótica psicanalítica.

Palavras-chave: Sexualidade. Identificação. Psicanálise. Gênero. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The present research aims to investigate contemporary issues of gender and sexuality, seeking to identify, from a psychoanalytical perspective, some of the modalities of subjectivation and psychological distress present in this context. For this, sexuality and the concept of identification were chosen as the main theoretical axes to be followed, based on the views of psychoanalysts Freud and Lacan, as well as the socio-anthropological perspectives of Judith Butler, Berenice Bento and others. This study was conducted from an analysis of the speech of Ney Matogrosso's autobiography, entitled "Breed Turner", since the literature made possible the discussion and analysis of the themes to be investigated. An analysis of the speech of an interview by a member of the LGBT population was also performed in order to establish a dialogue between the theoretical axes found in the book and in the testimony of the chosen participant. The importance of research that promotes debates and critical reflections about prejudice and violent practices directed to the LGBT community was highlighted, as well as the need to continue studies in the field of gender and sexuality, together with psychoanalysis, aiming to contribute to new perspectives on the theme within the psychoanalytic optics.

Key-words: Sexuality. Identification. Psychoanalysis. Gender. Contemporary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – DISCUSSÕES DE GÊNERO: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA	15
1.1 História dos Estudos de Gênero.....	15
1.2 Masculinidades	18
1.3 Transexualidade e Binarismo de gênero	21
CAPÍTULO 2 – O CAMPO DASEXUALIDADE NA PSICANÁLISE.....	24
2.1 História e pré-história da psicanálise	24
3.1 Complexo de Édipo	27
3.2 Bissexualidade constitutiva e homossexualidade	31
CAPÍTULO 3 – A(S) IDENTIDADE(S) EM QUESTÃO	35
3.1 Identificação em Lacan	35
3.2 Identidades: uma perspectiva socioantropológica	37
MÉTODO.....	41
4.1 Participantes.....	43
4.2 Materiais e Instrumentos.....	43
4.3 Procedimentos de construção do material.....	44
4.4 Procedimentos de análise do material.....	45
CAPÍTULO 5 –ANÁLISES DOS DISCURSOS	46
5.1 Complexo de Édipo e Identificação.....	54
5.2 A bissexualidade constitutiva	61
5.3 Identidades: uma perspectiva da contemporaneidade.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
ANEXO.....	75

INTRODUÇÃO

O presente estudo focaliza as questões de gênero e sexualidade na contemporaneidade, a fim de promover algumas reflexões acerca de formas de subjetivação e sofrimento psíquico a partir de uma visão psicanalítica, como também as relações de poder presentes nesse cenário. Para isso, serão construídas articulações entre autores/as psicanalistas e antropólogos/as, sociólogos/as, filósofos/as.

Pensar na possibilidade da construção de uma ponte entre as questões de gênero e de sexualidade e a psicanálise implica pensar que, assim como dito nos princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do Psicólogo, (CFP, 2014, p. 7)¹: “I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos” e “II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Nesse sentido, como pensar em uma ponte entre a clínica psicanalítica e a temática das identidades de gênero e das orientações sexuais que diferem da cisgeneridade e heterossexualidade? Ou seja, aquelas pertencentes à não normatividade de sexo e de gênero.

Para iniciarmos essa discussão é preciso, primeiramente, explicitar alguns conceitos. Logo, entende-se por identidade de gênero “formas de se identificar e ser identificado/a como homem ou mulher” (JESUS, 2012, p.12), por orientação sexual “a atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s” (JESUS, 2012, p.12). A autora ainda esclarece, que identidade de gênero e orientação sexual não estabelecem uma relação de dependência, e que não se pode pressupor uma “natureza” heterossexual ou uma “natureza” cisgênera (JESUS, 2012, p.12). A definição do conceito de gênero, também pode ter outros significados, como a definição gramatical:

Categoria linguística que estabelece a distinção entre as classes de palavras, baseada na oposição entre masculino, feminino e neutro, animado e inanimado, contável e não contável etc.; estabelecida por convenção, essa distribuição das palavras nessas categorias pode ou não obedecer a noções semânticas, como, por exemplo, em galo/galinha, em que a oposição se sustenta na diferença de sexos, designando macho e fêmea, sendo as palavras, respectivamente mascu-

¹O código pode ser acessado pelo link a seguir: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Co%CC%81digo-de-%C3%89tica.pdf>>.

lina e feminina; entretanto, outras palavras podem permanecer alheias a tal critério distintivo, como, por exemplo, em lápis (masculino) e caneta (feminino) (MICHAELIS, 2019).

Nessa acepção, o conceito de gênero pode estar associado a identidade (masculino ou feminino), mas também possui outras definições, por exemplo, que provém da biologia, filosofia, música, literatura, entre outros. Evidencia-se a diversidade de significados para que não nos limitemos a apenas uma única concepção de gênero, tendo em vista a amplitude do termo. Porém, nos atentemos aos conceitos: (i) identidade de gênero e (ii) orientação sexual, explicitados anteriormente. Assim, como que tais conceitos se articulam com a psicanálise?

O tema sexualidade sempre esteve imerso na teoria psicanalítica; porém, com o advento das teorias de gênero por parte da sociologia, algumas divergências surgiram, como por exemplo, em relação às questões conceituais. De certa forma, a incerteza, assim como as confrontações presentes tanto na clínica, como na produção de saber psicanalítico, mostram-se constantes na história da psicanálise. Por isso, apesar das divergências entre as teorias de gênero e a própria psicanálise, repensar essa tensão seja uma possibilidade de diálogo entre diferentes áreas do conhecimento.

Mesmo que para se tornar psicanalista não seja necessária a formação no curso de Psicologia, as ideias relacionadas à saúde mental entre a psicanálise e a psicologia se entrelaçam, pois ambas trabalham diretamente com o sofrimento psíquico. Logo, será que uma minoria societária (e aqui me refiro especificamente ao público LGBT, o qual não é pertencente aos padrões normativos estabelecidos pela sociedade, como também é constantemente violentado por meio de discriminações e preconceitos) possui espaço dentro da clínica psicanalítica? Ao considerar o alto índice de sofrimento psíquico causado por tais práticas violentas e que inclusive podem chegar à morte das pessoas pertencentes a esse público, esse questionamento pode contribuir com interessantes reflexões para o desenvolvimento da pesquisa.

Os conceitos criados por Freud e Lacan; por exemplo, bissexualidade constitutiva, identificação ou o próprio complexo de Édipo, guiarão essa pesquisa a fim de nortear o eixo teórico delineado. De acordo com Ambra (2018), uma possível forma de pensar a identidade de gênero para além de uma congruência entre o psiquismo e a diferença anatômica ou, por exemplo, como um resultado do complexo de Édipo, seria pensar o gênero como uma resposta ao desejo do Outro. Tal perspectiva foi apresentada pelo autor, tendo em vista a teoria da performatividade de Butler (2017), que acredita que, assim como o homem, a mulher não existe, o que existe

seria uma performance do significante homem ou mulher. Assim como Lacan (1971/2009) relata que meninos e meninas se mostram diferentes muito antes da fase fálica e, portanto, não há necessidade da espera por essa fase para se reconhecer homem ou mulher.

Tais discussões emergiram com o movimento feminista, que trouxe à tona o debate sobre a sociedade patriarcal e suas particularidades, dentre elas as normas criadas e impostas a padrões rígidos de masculinidade e feminilidade. Importante lembrar que dissertar sobre uma possível definição de gênero implica as clássicas perguntas: O que significa ser homem? O que significa ser mulher? Questionamentos que, mesmo após décadas, ainda perpassam por campos sociais, biológicos, filosóficos, políticos e são perpassados por uma profunda subjetividade frente aos fenômenos contemporâneos. O filósofo Matheus Gustavo Coelho (2018, p.31) diz:

A própria incompletude na definição do conceito de gênero é o que traz à tona o seu caráter radical, pois está nesta incompletude a possibilidade de tornar-se um ideal normativo livre de qualquer força coercitiva. Assim, gênero não necessita de uma “unidade” para se constituir, podendo estar aberto a “unidades provisórias” que não tenham seu foco voltado à identidade (COELHO, 2018, p.31).

Nesse sentido, o gênero como um conceito “aberto”, isto é, que possui várias definições e pode se referir a diversos âmbitos, está passível de engendrar-se a um “ideal normativo” por si só, além disso, devido a diversidade de significados, não precisa, necessariamente, estar vinculado à identidade (COELHO, 2018, p.31), mesmo que o foco nesse trabalho seja o gênero como uma forma de identidade.

Então, será necessário nos aprofundarmos um pouco melhor nas masculinidades e suas diferentes formas de subjetivação, devido à escolha do objeto de pesquisa e por isso é importante um norteamento por uma via divisória de estudos em que por um lado existem os críticos materialistas e, por outro, os denominados “pós-estruturalistas” (AMBRA, 2013).

De acordo com Kimmel (1998), uma possível forma de pensar a construção da masculinidade hegemônica seria explorar as particularidades das relações de homens com mulheres, por exemplo, através da desigualdade de gênero, bem como as relações de homens com outros homens que podem abranger desigualdade de sexualidade, idade, etnicidade etc. O autor ainda afirma que ambas as relações são relações de poder e simultaneamente inter-relacionadas são elementos constituintes da construção social das masculinidades, ou seja, o sexismo e a homofobia se tornam parte de uma definição de masculinidade construída socialmente (KIMMEL, 1998). Conforme essa perspectiva, alguns autores da contemporaneidade têm questionado eventualmente como a rigidez desse padrão hegemônico de masculinidade pode ter consequências adoecedoras para os homens, levantando assim o termo “masculinidade tóxica”.

E quando se trata do cenário psicanalítico, pouco se fala sobre masculinidades em comparação com a quantidade majoritária de estudos voltados para a compreensão do feminino. Segundo Ambra (2013, p. 20), pode ser que Freud tivesse enfatizado um pouco mais os estudos voltados para as “possibilidades de escolhas objetais e as identificações *inconscientes*” quando se tratava dos casos de homossexualidade, pois não haveria um interesse no que concebemos como identidades de gênero na atualidade. Além disso, posteriormente Lacan fala um pouco sobre o processo de sexuação, que adentra em melhor concordância com as teorias de gênero na contemporaneidade (AMBRA, 2013).

Portanto, é possível perceber que as discussões relacionadas à sexualidade entrelaçada com a teoria psicanalítica já possuem um espaço considerável dentro das pesquisas acadêmicas, como também a emergência das discussões de gênero, que envolvem questionamentos e desdobramentos acerca da diversidade de identidades, acerca dos estereótipos construídos e das diferentes possibilidades de ampliação e flexibilização da rigidez normativa construída sobre a temática do gênero. Ademais, o momento político vivido em países como o Brasil e os Estados Unidos, por exemplo, destaca com clareza a discrepância e o paradoxo entre a sociedade e as autoridades políticas, assim como a constante temática da manutenção do conservadorismo no que diz respeito à educação, às questões de gênero e sexualidade, à militarização etc.

Em agosto de 2019, uma reportagem² publicada pela jornalista Leidiane Souza da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) informa sobre a extinção de comitês que serviam como órgãos atuantes no acompanhamento e avaliação de políticas públicas, dentre eles estão os comitês de gênero e o de diversidade e inclusão. Tais comitês tinham como objetivo trabalhar na prevenção contra violências de gênero como na promoção da igualdade, além de promover a diversidade sexual e proteger pessoas LGBT dentro do ministério. Essa reportagem diz um pouco sobre o momento político atual vivenciado pelo Brasil ao se tratar das questões de gênero e sexualidade, não se podendo excluir as possíveis influências e inter-relações entre governo e sociedade.

De acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB)³, a mais antiga associação de defesa dos direitos da população LGBT do Brasil, a cada 19 horas um LGBT é assassinado ou se suicida, vítima da LGBTfobia. Em 2018, foram registradas 420 pessoas LGBT mortas no Brasil, 27 a menos que em 2017, ano em que houve o maior número de assassinatos da população LGBT.

²Reportagem disponível no link: <<https://www.sinprodf.org.br/retrocesso-a-politica-de-genero-no-governo-bolsonaro-e-uma-politica-em-extincao-diz-secretaria-de-relacoes-de-genero-da-cnte-apos-fim-de-comites/>>

³Esses dados podem ser acompanhados pelo link: <<https://homofobiamata.wordpress.com/>>.

Além disso, é importante ressaltar que o Brasil continua no topo dos países que mais matam pessoas sexodiversas no mundo.

Tendo em vista tais índices, ressaltam-se alguns avanços nos campos da justiça e da saúde voltados tanto para LGBT quanto para mulheres como, por exemplo, a atenção provida pelo Sistema Único de Saúde (SUS)⁴ aos transgêneros, possibilitando a cirurgia de redesignação sexual em 2008, o reconhecimento atribuído pelo Supremo Tribunal Federal (STF) ao casamento homoafetivo, presente na Resolução nº 175 em 2013⁵, além da criminalização da homotransfobia⁶ em maio de 2019. Para as mulheres, a criação da Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, em 2006, a qual criminaliza a violência contra as mulheres, em função do alto índice de violência voltado especificamente para as mulheres e inclusive feminicídios. Por exemplo, a cada dois segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal no Brasil, segundo o relógio da violência⁷

Considerando os indicadores estatísticos apresentados, é necessário um estudo mais aprofundado acerca das questões de gênero e sexualidade contemporâneas, visto que tais temas estão diretamente ligados à violência e à cristalização de determinados pensamentos, construídos culturalmente. Percebe-se, também, uma relação com a saúde mental e o sofrimento psíquico, pois existe um grande número de pessoas que cometeram suicídio e que compõem essa população. Portanto, um estudo a fim de promover reflexões no âmbito social em conjunção com a psicanálise tem muito a contribuir frente a minorias que sofrem não só em uma esfera privada, mas também pública.

A partir de um levantamento bibliográfico, constatou-se um crescimento de pesquisas nessa área conforme a emergência das discussões de gênero e as mudanças perpassadas na contemporaneidade relacionadas a esse tema. Assim autores/as como Simone Beauvoir (1980), Judith Butler (2017), Pierre Bordieu (2005), Rita Segato (1998), Berenice Bento (2011), Marielena Chauí (1985) e Márcia Tiburi (2018) são referências no campo acadêmico e inclusive social e midiático, sendo grandes percursores/as das discussões de gênero.

A psicanálise, nesse contexto, logo recebeu muitas críticas de autoras como Butler (2017), citada anteriormente, a qual atribui à clínica psicanalítica uma estrutura heterossexual

⁴Esses dados podem ser acompanhados pelo link: <<http://www.brasil.gov.br>>.

⁵Esses dados podem ser encontrados na cartilha do Ministério Público sobre direitos LGBT: <<http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/pfdc/miাতেকা/nossas-publicacoes/o-ministerio-publico-e-a-igualdade-de-direitos-para-lgbti-2017>>.

⁶Essa reportagem por ser acessada pelo link: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>>.

⁷Segue link do site em tempo real: <<https://www.relogiosdaviolencia.com.br>>.

e falocêntrica permeada por um mecanismo de proibição das vivências “sexodiversas” (p. 11). A autora em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* questiona múltiplos conceitos da clínica psicanalítica desde Freud a Lacan, ao considerar uma assimetria entre feminino e masculino a partir de práticas reguladoras interiorizadas em uma normatividade de gênero, que geram identidades fixas e coerentes com essa norma (BUTLER, 2017).

Já Birman (2006), a partir de um viés psicanalítico, também apresenta grandes contribuições nesse campo, ao passo que explora o patriarcado em conjunção com as ideias de feminino e masculino. O autor realiza importantes considerações acerca do tema no que concerne à importância da linguagem e do destaque atribuído ao falo e à nomenclatura Nome-do-pai criada por Lacan, as quais reforçam uma estrutura social baseada em uma hierarquia de gênero que vem se dissolvendo com o advento da contemporaneidade (BIRMAN, 2006).

Em contrapartida, alguns autores como Pedro Ambra (2013), Paulo Ceccarelli (2008) e Cláudia Carneiro (2017) se ocuparam em trabalhar as interfaces entre as questões de gênero e a psicanálise a partir de uma outra perspectiva ao trabalhar a legitimidade da homossexualidade frente à heterossexualidade, assim como a amplitude do conceito de bissexualidade constitutiva presente na obra Freudiana e a subjetividade “masculina”.

Nesse sentido, a seguinte pesquisa levanta alguns questionamentos para que se possa iniciar uma discussão acerca dos temas propostos, são eles: Quais mudanças sociais e políticas impulsionam uma nova visão de identidade e sexualidade? Quais as possíveis consequências psíquicas, sociais e culturais do aprisionamento das novas expressões de gênero na contemporaneidade? É em torno dessas questões que se articula esse trabalho de monografia.

Para tanto, a fim de se analisar a subjetividade dos discursos, a pesquisa tem como objetivo principal investigar as questões de gênero e sexualidade na contemporaneidade, buscando identificar, a partir de uma perspectiva psicanalítica, algumas das modalidades de subjetivação e de sofrimento psíquico presentes nesse contexto.

Como objetivos específicos, a pesquisa delimitou: (i) analisar a sexualidade na sociedade contemporânea inter-relacionada com a teoria psicanalítica; (ii) analisar as identidades de gênero e os processos de identificação a partir do olhar psicanalítico; (iii) identificar os desdobramentos das relações de poder presentes no contexto sócio-político e seus impactos para os processos clínicos de sofrimento psíquico vivenciados por sujeitos pertencentes à comunidade LGBT.

Então, a fim de cumprir com os objetivos delimitados foram selecionados dois objetos de estudo, sendo o primeiro: a obra literária “Vira-lata de raça”, composta como autobiografia do artista Ney Matogrosso e o segundo: uma entrevista de um participante que se autodenominasse parte da comunidade LGBT.

O percurso realizado, ao longo da pesquisa foi dividido em três capítulos centrais, são eles: (i) Discussões de gênero: das perspectivas feministas aos estudos sobre masculinidades, em que se discute o campo do gênero a partir de uma visão histórica e social; (ii) O campo da sexualidade na psicanálise, o qual aborda a gênese da sexualidade na teoria psicanalítica e os conceitos: complexo de Édipo e bissexualidade constitutiva; (iii) A identidade em questão, que discute o conceito de identificação em Lacan, assim como a identidade em uma perspectiva socioantropológica.

Posteriormente, é descrito o método, detalhando a pesquisa em termos metodológicos. Em seguida, tem-se a seção de resultados e discussão, em que são feitas as análises de discurso, tanto da autobiografia de Ney Matogrosso, como da entrevista com o participante escolhido. Logo após, apresenta-se as considerações finais com alguns desfechos a respeito dos conteúdos abordados na pesquisa. Por último, os elementos pós-textuais: referências bibliográficas e o anexo.

CAPÍTULO 1 – DISCUSSÕES DE GÊNERO: DAS PERSPECTIVAS FEMINISTAS AOS ESTUDOS SOBRE MASCULINIDADES

Nesse capítulo serão exploradas as discussões de gênero a partir do momento inicial de seus estudos e posteriores aprofundamentos, também as masculinidades e suas subjetivações e por fim, a transexualidade e o binarismo de gênero a partir de teóricos da contemporaneidade. O capítulo possui uma perspectiva social e histórica, a fim de fundamentar teoricamente o cenário da pesquisa, além de abordar importantes contribuições culturais para a construção das novas formas de entendimento sobre as questões de gênero.

1.1 História dos Estudos de Gênero

O termo “feminismo” foi empregado pela primeira vez nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, no lugar de expressões até então utilizadas como “movimento das mulheres” ou “problemas das mulheres” (GARCIA, 2018). Desde então, o feminismo se constituiu como um movimento social destinado a promover uma consciência acerca das opressões e dominações masculinas e invisibilizações da mulher frente a uma sociedade patriarcal, androcêntrica, misógina e sexista (GARCIA, 2018).

O movimento passou por diferentes fases históricas, as quais foram essenciais para a significação atual das questões de gênero, que preza pela luta do reconhecimento de direitos para as mulheres, assim como pela igualdade de todos os seres humanos. Assim, o feminismo se constitui como uma prática social pautada em uma teoria política e filosófica, a qual promove uma reflexão envolta por uma constância crítica e autocrítica de uma sociedade que centraliza o poder masculino como máxima (GARCIA, 2018; TIBURI, 2018).

Em 1940, Beauvoir difundiu a frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” colocando em pauta a construção de uma sociedade baseada na figura do homem branco heterossexual, de modo que a mulher fosse ali um segundo plano, um “segundo sexo” (BEAUVOUR, 1980, p. 9). Tal questão ampliou-se, também por uma visão acerca da masculinidade, ao gerar reflexões acerca do fazer-se homem ou mulher, além dos estereótipos construídos culturalmente em relação ao gênero e à forma com que esses moldes constituíram um determinismo e um engessamento da identidade (LOURO, 2008).

Assim, as mudanças identitárias no campo da feminilidade no que concerne aos seus papéis sociais e pessoais, como também estilos de vida e formas de serem vistas, ocasionaram uma profunda ruptura histórica, que gerou consequências econômicas, políticas e sociais. Como

exemplo disso, tem-se a remuneração das mulheres, a ampliação do exercício profissional e a presença em diferentes cargos, assim como a ampliação de direitos e deveres, ou seja, a alteração de funcionamento das esferas do trabalho e da família (ALMEIDA, 2014).

Nesse sentido, as categorias de gênero foram construídas e significadas, objetiva e subjetivamente, com base em um sistema de oposições homólogas, como alto/baixo, menor/menor, melhor/pior etc. Tal hierarquização representa o homem como superioridade e a mulher como inferioridade nos âmbitos sociais, biológicos e culturais. Assim, a categorização simplista implicada nesse contexto hierárquico não permite um olhar acerca do sistema de relações sociais, visto que pensar em uma lógica de dominação masculina pautada em um sistema binário implica estudar modos de pensamento frutos da própria dominação (BORDIEU, 2005).

Dissertar sobre dominação acarreta falar sobre uma lógica do poder. Uma das perspectivas acerca do significado de poder seria aquilo que é superior e que de alguma forma regula algo ou alguém, mantendo-o subordinado. Judith Butler (2017), em *A vida psíquica do poder*, relata o paradoxo presente na formação do indivíduo como sujeito baseado em uma lógica do poder. Nessa conformidade ele funcionaria como algo externo ao sujeito e em paralelo constituidor da identidade do mesmo, de modo que pensar no poder como formador da existência do sujeito implica pensar em uma dependência e consequente aceitação e interiorização desse processo (BUTLER, 2017).

Nesse sentido, esse poder, que ao mesmo tempo que está direcionado ao sujeito, também o constitui, além de permear as construções sociais de gênero, perpassa o âmbito das orientações sexuais. Isso significa que a existência de um poder simbólico implicou a construção de uma norma social e cultural, de forma que tudo que difere dessa norma é rechaçado ou invisibilizado. Portanto, tais normas geraram consequências das mais diversas tanto para as mulheres, como também para os homens, de modo que a rigidez do padrão construído e constituidor limitasse a subjetividade do ser humano, ocasionando inúmeras esferas de adoecimento psíquico, biológico, social etc.

O movimento feminista, por sua vez, em suas diferentes gerações e nuances de pensamentos se ocupou, em certa medida, de apresentar a violência de gênero, de modo que a prática da violência produzida em contextos sociais e relacionais incide sobre a alteridade do feminino desde os âmbitos privados, como família, até os âmbitos públicos (ALMEIDA, 2014). A autora Joan Scott (1995), em *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, explora detalhadamente as ligações históricas entre passado e atualidade a respeito dos diferentes sig-

nificados do gênero. Partindo do gênero como sinônimo e substituto de mulheres, até o momento em que foi ressignificado, como uma busca de uma legitimidade por parte das feministas nos anos 1980 e logo após, a construção de um novo terreno de estudos. Esse novo território destrinchou-se nos estudos dos temas já citados, anteriormente, como o patriarcado, a violência de gênero, a ideologia de gênero, as implicações sociais, estruturais, culturais e políticas ao estabelecer as diferenças entre os sexos e o sistema de relações que ali se construía.

Portanto, a definição de gênero proposta por Scott (1995) serviu como guia para a realização deste trabalho, sendo ele “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e também “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, p. 21). Assim, o gênero é envolto por símbolos culturais que constituem diferentes representações, por exemplo, a simbolização de Eva e Maria na cultura ocidental. Também, o gênero é constituído por conceitos normativos que implicam a interpretação do sentido dos símbolos e acabam por limitar a subjetividade e a pluralidade de sua significação.

As representações, citadas anteriormente, em sua maioria, podem ser compostas por posições binárias que se opõem e categorizam o sentido do masculino e do feminino, além de que a norma limitante estabelece uma posição dominante, a qual é dada como a única possível (SCOTT, 1995). Então, o gênero também precisa ser analisado por uma via política que referencie as instituições e organizações sociais, pois é por meio delas que é possível enxergar a presença dos papéis sociais enrijecidos (SCOTT, 1995). E, por último, o gênero como uma identidade subjetiva, a qual perpassa e é diretamente relacionado a sexualidade e que, em meio a tantas possibilidades de subjetivação, a proibição de sua expressão foi conservada (SCOTT, 1995). Como dito pelo antropólogo francês Maurice Godelier, citado também na obra de Scott (1995, p.23): “não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas, sobretudo, a sociedade que fantasma na sexualidade, o corpo”.

Em síntese, é possível perceber a amplitude de significados, assim como a constância de mutabilidade e transformação, pelas quais a noção de gênero passou ao longo de seu percurso histórico. Ademais, não faz sentido explorá-lo a partir de um único olhar ou uma única via de significação, visto que a cada momento a sua abrangência se amplifica. Um exemplo disso são as novas identidades de gênero, as novas formas de ser homem e mulher da contemporaneidade, como as pessoas transexuais. Portanto, é importante ressaltar que, sendo os movimentos feministas o “ponta pé” inicial para a emersão das discussões de gênero, assim como pela luta de diretos especificamente para as mulheres, a situação também gerou consequências sociais, eco-

nômicas, políticas, estruturais e culturais para os homens. Homens esses que também são diretamente afetados, tendo em vista que o estudo de gênero perpassa pela via das diferenças percebidas entre os sexos.

1.2 Masculinidades

A masculinidade não pode ser pensada como se comportasse apenas um significado, único, universal e constante, como se apenas existisse uma única forma de masculinidade, mas sim como um conjunto de significados, os quais são permeados por diversas características que se transformam continuamente (KIMMEL, 1998).

Tal ideia foi apresentada pelo sociólogo estadunidense e fundador de um Centro de estudos sobre homens e masculinidades na universidade de Brooklyn, e conduzirá a discussão a ser realizada, tendo em vista que não há verdades absolutas, assim como também não há apenas uma maneira de ser homem. A construção da masculinidade, historicamente, alcançou um modelo de masculinidade “único” para se identificar como homem, ou seja, tornou-se necessário obter determinadas características para se tornar homem. Nesse sentido, Kimmel (1998, p. 112) questiona: “como é que a masculinidade hegemônica chegou a sua hegemonia?”

De acordo com a pesquisa histórica feita pelo autor, considerando o recorte estadunidense, ele encontrou três padrões básicos de provas ou demonstrações que contribuíram para a construção da masculinidade hegemônica. Em primeiro lugar, citou o autocontrole, o qual tornava o corpo um instrumento e uma expressão da dominação com a presença de músculos, que demonstravam a fortaleza do indivíduo em questão (KIMMEL, 1998). Na modernidade, pode-se citar o *body-building*⁸ ou fisiculturismo como correspondente a tal, isto é, aquela pessoa que se utiliza de exercícios de resistência para desenvolver os músculos do corpo. Nesse exemplo, é possível perceber como o corpo instrumentalizado simboliza a ideia de homens aparentemente fortes e viris.

Em segundo lugar, Kimmel (1998, p. 113) disserta sobre a expressão da masculinidade por meio de uma fuga para florestas ou para o exército, locais em que os homens poderiam expressar sua masculinidade para outros homens e contra a natureza, pois estariam distantes das “influências feminilizantes” da sociedade (KIMMEL, 1998). Uma possível leitura de tal

⁸ Segundo o dicionário Michaelis, o termo significa: musculação, desenvolvimento do corpo por meio de exercícios e dieta. Pode ser encontrado em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/E1jLq/bodybuilding/>.

exemplo pode ser pensar em uma fuga não somente direcionada para a expressão dessa masculinidade entre homens, mas também uma forma de escapar de uma possível obrigação de demonstração de virilidade para as mulheres.

Em terceiro e último lugar, dito por Kimmel (1998), como a principal forma de construção dessa hegemonia do masculino, seria a expressão da masculinidade por meio da desvalorização de outras formas de masculinidade que não fossem a varonil, isto é, todos os homens que não se expressassem de forma forte, dura e máscula eram rechaçados (KIMMEL, 1998). Assim, se cristalizava uma hierarquia na qual a hegemonia era posicionada sob o subalterno a partir da diferença (KIMMEL, 1998).

Nesse sentido, Junqueira (2010) disserta sobre um possível merecimento de pertencer à identidade masculina, que passa pela negação de tudo aquilo que diz respeito à feminilidade e à homossexualidade, de forma a conter a “camaradagem” e as manifestações de afeto e somente expressar comportamentos que se encaixem no estereótipo do “macho”. Esses processos, de negação e de limites comportamentais, acabam por produzir e alimentar a homofobia e a misoginia, principalmente na relação entre homens (JUNQUEIRA, 2010).

Ademais, a masculinidade hegemônica incita a seguinte inferência: aquele que é menos masculino, isto é, aquele que não se comporta como “machão” é necessariamente homossexual e vice-versa (JUNQUEIRA, 2010). Essa relação direta reafirma a ideia de que homens “afeminados” seriam gays e então carrega consigo um único modelo de masculinidade possível (JUNQUEIRA, 2010).

É possível perceber como as expressões de gênero, as identidades de gênero e as orientações sexuais se entrelaçam e são enraizadas tão fortemente. Dessa forma, aprender a ser homem, desde a infância até a vida adulta, pode implicar atravessar uma fase de “homossociabilidade”, em que “emergem fortes tendências e/ou grandes pressões para viver momentos de homossexualidade” (WELZER-LANG, 2001, p. 462). Por exemplo, as perguntas relacionadas ao tamanho do pênis e capacidades sexuais, assim como a vivência de relações grupais somente masculinas, que também percorre uma via da obrigação da aceitação da lei, a que diz respeito às regras e ao saber ser homem (WELZER-LANG, 2001).

Ao falar de psicanálise, alguns/algumas sociólogos/as se limitam a dizer sobre o falocentrismo presente na teoria, pois sendo o falo representante do poder, há uma possível “tentativa androcêntrica de teorizar o sujeito em Freud” (AMBRA, 2013, p. 19). Também, Roudinesco e Plon, citado por AMBRA (2013, P.19) “consideram que Freud, ao trabalhar a ideia de

libido única, masculina, incluiria a diferença sexual em um monismo igualitarista” (ROUDINESCO&PLON, citado por AMBRA, 2013, p. 19). Em concordância, Butler (2017) disserta sobre as mulheres, ditas como “irrepresentáveis” serem fruto de uma linguagem falocêntrica e masculinista presente no modo de ver hegemônico ocidental, quer dizer, a linguagem como fruto de uma representação da ordem do masculino torna a mulher irrepresentável, aquela que “não se pode restringir nem designar” (BUTLER, 2017, p.31). Pois seria enxergar a mulher a partir de uma ótica do masculino, que significa a mulher como tudo aquilo que o homem não é; como o negativo do masculino.

É possível perceber o falocentrismo em diversos mitos de criação de mundo das mais diversas culturas existentes, a partir do aspecto masculino viril. Ou seja, é como se o sujeito, para emergir, precisasse da Lei, aquela que exclui qualquer possibilidade de sensibilidade e afeto, características que dizem respeito à mãe (SEGATO, 2003). Alguns exemplos disso são dos povos da África, América do Sul e Nova Guiné, os quais, por meio de rituais, iniciam os jovens a partir da expulsão do útero materno e da entrada no mundo regido por Leis; essas que só podem pertencer à masculinidade (SEGATO, 2003).

Segundo Segato (2003), essa representação da masculinidade constituída dos aspectos de virilidade, lei e autoridade converge com as leis normativas sociais e patriarcais, mesmo com a tentativa de ressignificação do determinismo freudiano por Lacan, ao conceituar “função paterna” e “função materna”. É sobre a emergência do sujeito a partir da entrada de um agente legislador, que violentamente lhe retira aquilo que acreditava ser seu e que, portanto, repete-se a hierarquia de gênero social constituída (SEGATO, 2003).

Assim, as críticas dirigidas à psicanálise são pautadas no patriarcado e na dominação masculina, nas quais, em uma relação de poder entre homens e mulheres, são atribuídos privilégios materiais, culturais e simbólicos aos homens, que configuram uma desigualdade de gênero (WELZER-LANG, 2001). Nesse sentido, é possível dizer que algumas críticas centrais à teoria psicanalítica, em Freud, dizem respeito à falta/presença do falo como constituinte de uma representação de gênero, assim como em Lacan a questão da linguagem e da função paterna como representante da lei, mesmo que simbolicamente, ou seja, não se tratando do pai real ou biológico.

Porém, Freud (1925/1996, p. 298), ao dizer que “a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto”, converge com a ideia da existência de diversas masculinidades, assim como de diversas feminilidades. Logo, como dito por Junqueira (2010):

Há “(...) uma gama de possibilidades de construção e de expressão de masculinidades, que representam distintas posições de poder nas relações quer entre homens e mulheres, quer entre os próprios homens (CONNEL, 1995a, 1995b, 2009), fortemente influenciados por fatores como classe social, etnicidade, entre outros (...)” (JUNQUEIRA, 2010, p. 215).

Portanto, é possível perceber que a subjetividade que permeia o campo do gênero é muito maior que a possibilidade de uma definição objetiva e racional para o que é ser homem ou o que é ser mulher. E, talvez, essa subjetividade, junto à pluralidade das vivências e expressões do gênero, esteja abrindo novos caminhos e possibilidades menos rígidas *de ser no campo do social e da sexualidade*

1.3 Transexualidade e Binarismo de gênero

Berenice Bento (2011) relata que, em 1984, uma manchete que dizia que a mulher mais bonita do Brasil na verdade era um homem foi o momento em que publicamente, a partir da mídia, o país teve que se deparar com as “confusões de gênero”. Assim, a autora focaliza seus estudos de gênero na transexualidade ao abordá-la como um conflito identitário em vez de uma enfermidade.

Logo, a socióloga fala que a sociedade pressupõe uma concordância entre genitália, corpo e sexualidade, o que expressa uma organização social normativa tanto para pessoas cisgênero, quanto para as pessoas transgênero, andróginas entre outros (BENTO, 2011). Para melhor adentrar na discussão, é necessário esclarecer algumas definições. Segundo Jesus (2012, p. 10): (i) cisgênero, “as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento”; (ii) transgênero, “as (pessoas) que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado”; e (iii) andróginas, “as pessoas que não se identificam com qualquer gênero”. Ademais, acerca das pessoas trans, é de suma importância enfatizar que, para que uma pessoa se autodenomine transexual, ela não precisa realizar a cirurgia de redesignação sexual (BENTO, 2006, 2011; JESUS, 2012; SAMPAIO&COELHO, 2012).

Retomando a ideia de concordância, citada anteriormente, o conflito na compreensão daqueles/as que não se denominam cisgênero se encontra nessa pressuposição de uma relação direta entre corpo, sexualidade e genitália, de modo que, por exemplo, uma pessoa que nasceu com uma vagina, pela lógica normativa, seria uma mulher, heterossexual, mãe etc. Ou uma pessoa que nasceu com um pênis, seguiria a lógica de ser um homem, heterossexual, pai etc. (BENTO, 2006). Acontece que essa lógica determinista tenta enquadrar aquilo e aqueles/as que

extrapolam o delineado pela norma, mas não há escapatória, visto que a tentativa de invisibilização não implica uma não-existência, apesar da presença das exclusões, repressões e violências direcionadas às pessoas que não pertencem à cisgeneridade.

Nesse sentido, Bento (2006, p. 13) reforça: “a norma de gênero repete que somos o que nossa genitália informa”. Então, mediante a construção de uma identidade pautada naquilo que a norma não comporta, gera-se sofrimento e angústia, sentimentos esses que emergem a partir de um não-reconhecimento de seus corpos e de uma incongruência frente à organização corpo-sexualidade-genitália (BENTO, 2006).

Em conformidade com esse pensamento, Butler (2017) questiona a *unidade*, isto é, existe uma única forma de identidade? Defende que não é possível a existência de uma única identidade e questiona se a *unidade* não seria uma norma excludente que implica uma ausência de se pensar além, de se pensar em fronteiras que rompam com a ideia de identidade fixa e una (BUTLER, 2017). Nesse sentido, Bento diz: “é como se as pessoas que vivem o gênero e que não têm um corpo sexuado que o sustente, precisassem antes pedir um gênero, categoria de reconhecimento de humanidade, para depois reivindicar autonomia desse corpo já generificado” (BENTO, 2011, p. 93).

Uma pesquisa feita por Sampaio e Coelho (2012), na qual, a partir de entrevistas de transexuais que já haviam realizado a cirurgia de transgenitalização ou que ainda estavam prestes a realizar, constatou-se a importância do procedimento cirúrgico e também a mudança do nome civil como fatores destaques para uma melhor qualidade de vida (SAMPAIO&COELHO, 2012). Assim, é possível perceber a quantidade de fatores que influenciam e são constituintes de uma pessoa que decide enfrentar as normas de gênero em busca de uma identidade que a represente, mais uma vez, dentro daquela lógica de concordância entre sexualidade, corpo e genitália. Portanto, a partir do valor atribuído a mudança do nome civil junto a realização da cirurgia, é possível perceber o impasse entre linguagem e corpo.

Sobre essa concordância entre linguagem e corpo, Perelson e Hasky (2015) discorrem sobre as novas tecnologias presentes no século XXI e como elas causam diferentes mutações humanas, a fim de produzir novos arranjos entre corpo, subjetividade e tecnologia. Nesse sentido, ao falar sobre a artificialização do sexo, se tratando da diferença sexual em si, as psicanalistas exploram o simbolismo carregado em função da presença ou ausência de marcas corporais, de modo que o olhar revelador do sexo do corpo produz corpos sexuados, antes mesmo deles próprios se reconhecerem como tais (PERELSON&HASKY, 2015).

Porém, não é sempre que isso é constatado com veemência. Um exemplo disso são as tecnologias contemporâneas, que possibilitam a escolha do sexo do bebê e mesmo com esse poder de decisão, não há controle sobre a enunciação daquele/a que não se sente parte daquele corpo destinado a ele/ela (PERELSON&HALSKY, 2015). Ou seja, o desejo do outro de que aquela criança seja homem ou mulher, já torna aquele corpo sexuado antes dele mesmo se reconhecer naquele lugar, mas a partir do momento em que uma pessoa, se reconhece como aquilo que é contrário ao que lhe foi endereçado, gera-se um equívoco. É a partir desse equívoco da norma que emerge a transexualidade, de modo que, anteriormente à imagem o que se opera é o discurso (PERELSON&HALSKY, 2015).

Nesse sentido, a própria transexualidade já explicita que não há uma única forma de ser homem ou de ser mulher, e, além disso, que não necessariamente ter uma vagina é sinônimo de ser mulher e ter um pênis é sinônimo de ser homem. Portanto, o binarismo de gênero, como uma concepção limitante, coloca em pauta que não é tão simples definir o masculino-feminino.

A sexualidade humana, por sua vez, vai do corpo ao psiquismo, de modo que são as percepções das diferenças sexuais anatômicas que organizam a construção psíquica de uma identidade sexual, como dito por Freud (CINTRA, CLEMENS & SOUZA, 2015). Ou seja, para Freud o modo como se percebe as diferenças sexuais no corpo é, inicialmente, responsável por construir uma identidade sexual. Dessa forma, a partir das formações inconscientes dos desejos dos pais, assim como da dimensão narcísica deles juntamente aos significantes “homem” e “mulher”, constituirão subjetivamente a criança como ser falante homem ou mulher, de modo que seja essencial um reconhecimento simbólico provindo do Outro (CECARELLI, 2002; CINTRA, CLEMENS & SOUZA, 2015).

Essa forma de constituição subjetiva aponta para a importância da linguagem como aquilo que pode legitimar ou transformar a cultura. De tal forma que ser homem e ser mulher vai muito além de uma diferença anatômica ou de explicações biológicas acerca dos órgãos sexuais, diz respeito a um entrelaçamento de processos de identificação, relações de poder e aspectos históricos, que constantemente produzem novas possibilidades de transformação desse campo simbólico do ser algo ou alguém (BIRMAN, 2001; BUTLER, 2017; CINTRA, CLEMENS & SOUZA, 2015).

CAPÍTULO 2 – O CAMPO DA SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE

O presente capítulo explora a sexualidade a partir de uma ótica psicanalítica, ao introduzir um breve cenário do surgimento da psicanálise e aprofundando os conceitos: (i) complexo de Édipo e (ii) bissexualidade constitutiva. Tais teorias foram desenvolvidas com a pretensão de realizar um levantamento das relações estabelecidas entre a sexualidade do ponto de vista da psicanálise e a sexualidade na contemporaneidade, como também de cumprir com os objetivos estabelecidos.

2.1 História e pré-história da psicanálise

Importante ressaltar que, no século XIX, nasce a psicanálise. Uma teoria em meio ao desenvolvimento de uma economia capitalista, no cerne de uma necessidade mundana de controlar corpos e desejos (GARCIA-ROZA, 2009). Tal teoria buscou um entendimento de algumas formas de funcionamento psíquico presentes na humanidade pensando-as como elementos estruturantes dessa existência, ao invés de limitantes e estigmatizantes (HAUTE & GEYSKENS, 2016).

Nesse sentido, um percurso histórico foi traçado para o reconhecimento das psicopatologias, tendo a loucura como gênese das grandes descobertas e conflitos religiosos, políticos, sociais, filosóficos e científicos. A loucura passou a existir no século XVIII, visto que anteriormente o que existia era a diferença e o lugar da diferença, em decorrência de uma possível ignorância social. Assim, nesse mesmo século a pessoa considerada louca, perante a emergência da racionalidade, começou a ser vista como exceção, como excesso, e, por isso deveria ser excluída, sendo equiparada ao lado de alcólatras, leprosos, delinquentes etc. (GARCIA-ROZA, 2009).

No século XVII, com o surgimento de uma “consciência da diferença” é que a loucura foi vista como perda da racionalidade, ou seja, ser louco significava necessariamente perder a razão junto a uma comparação direta ao animalesco. Por isso, recebeu olhares do saber médico e asilar, os quais tratavam a questão como contenção e dominação, ao invés de terem um olhar voltado para a cura. Portanto, a cura é relacionada diretamente ao significado da diferença, à manutenção da ordem (GARCIA-ROZA, 2009). Ou seja, a diferença em si era associada diretamente a algo negativo, excludente e por isso as pessoas que pertenciam a essa categoria não podiam fazer parte da norma construída pela sociedade, de modo que, como dito anteriormente,

a cura fosse vinculada a uma contenção ou separação dessas pessoas, ao invés de a uma visão mais ampla voltada para um tratamento, por exemplo.

Nesse sentido, Foucault (2001, p. 62), em *Os anormais*, diz: “a norma não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica”. Ou seja, não é possível definir a norma somente por um caráter natural, pois ela é constituída também por uma espécie de poder regulador de diversas dimensões (social, política, cognitiva, etc.). Portanto, a loucura estava contida em hospitais e asilos, os quais ocultavam e executavam a manutenção da ordem e do “normal”, retirando todos/as aqueles/as que não se encaixavam nos padrões normativos da sociedade.

Nessa época, percebe-se que Freud dirigia-se para um campo que se opunha ao positivismo da época, pois, apesar de sua obra receber muitas influências da física, biologia, medicina etc, ele enfatizava os conflitos internos ao ponto de considerá-los constituidores do sujeito. Assim, as percepções iniciais de um aparelho psíquico representado por uma quantidade de excitações e atividades neuronais foram “ressignificadas e retificadas pelas noções de consciente, pré-consciente e inconsciente” (PRATA, 1999, p. 40). Como dito por Silva e Macedo (2016): “o inconsciente se faz presente no discurso do sujeito e em sua produção psíquica tanto na esfera da psicopatologia quanto na dita normalidade” (SILVA&MACEDO, p. 522).

Para Freud, não existia sentido em quantificar ou biologizar a patologia, visto que o sujeito em sofrimento possui diferentes estruturas e formas de expressão. Para isso, ele utiliza a ideia da fragmentação de um cristal em que, ao jogá-lo no chão, ele se despedaça nas linhas de separação que são delimitadas previamente, mesmo que invisíveis. Ou seja, não só as diversas formas de sofrimento possuem disposições específicas, como também elas se encontram na vida cotidiana dita “normal”. Sendo que, na patologia, a emersão de tais disposições é expressa de maneira mais intensa (SCHOTTE, 1990, citado por HAUTE&GEYSKENS, 2016).

No entanto, em alguns momentos a sexualidade para Freud reforça uma visão normalizadora e determinista, como apresentada por Prata (1999) anteriormente, além de evidenciar o desacordo entre psicogênese e patoanálise. Pois, enquanto a psicogênese compreende as neuroses como “distúrbios do desenvolvimento” (FREUD, 1913b, citado por HAUTE&GEYSKENS, 2016), a patoanálise compreende as neuroses como disposições estruturais específicas presentes na vida comum de qualquer ser humano, porém expressadas mais intensamente na patologia (SCHOTTE, 1990, citado por HAUTE&GEYSKENS, 2016). Assim, Haute&Geyskens (2016, p.25) realiza uma conexão das diferentes neuroses com as problemáticas antropológicas, inter-relacionando a neurose obsessiva, a histeria e a paranoia com as diferentes formas

culturais, tendo como consequência a sintomatologia das neuroses como parte do esclarecimento de certas questões culturais e sociais (HAUTE&GEYSKENS, 2016).

A relação entre as neuroses e a cultura é de extrema importância, pois além de abranger uma problemática sobre como para Freud algumas instituições culturais serviam de instrumentos confortantes ou desagradáveis para a criança, é preciso se pensar no ponto de diálogo entre a psicologia clínica e a psicologia social. Uma vez que, por exemplo, nesta pesquisa, trata-se de pensar as interfaces entre as questões sociais de gênero e a psicanálise, e que para isso priorizou-se uma construção de pontes entre tais áreas.

Em 1905, um dos maiores casos estudados por Freud (1905/1976), o caso Dora, o levou ao escrito “Os Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade”, em que se deu um lugar privilegiado para a histeria frente a outras patologias. Além de ressignificá-la ao evidenciar o desejo em vez do trauma sexual.

Já nos “Estudos sobre a histeria”, Freud (1895/1996), juntamente a Breuer, intensificaram seus estudos a partir de casos, os quais os fazem concluir que o esquecimento de memórias traumáticas é causado pela histeria, de modo que havia um deslocamento do trauma para o corpo, como uma somatização corporal. Esse deslocamento só era passível de ocorrer caso tivesse direta ligação com as representações recalçadas, visto que elas eram convertidas em sintomas físicos. Portanto, os sintomas do corpo histérico eram psicogênicos ao serem respostas físicas a situações com grande valor simbólico (FREUD, 1895/1996).

Nesse sentido, a histeria foi vista como uma disposição constitutiva, a qual, além da conversão do trauma em sintomas corporais, ainda possuía uma problemática frente à sexualidade, ao censurar tudo aquilo que era passível de prazer sexual. Tal conclusão é de extrema importância, ao transparecer sobre uma cultura que reprime a sexualidade a todo custo, ao ponto de uma aceitação dessa repressão como fator constitutivo dessa neurose não ser questionada na época.

Assim, os traumas sexuais se configuraram como único fator causal da histeria, o que foi visto como uma dimensão reducionista por Freud, principalmente pelo destaque da condição hipnoide atribuída por Breuer, pois o autor concluiu que as histéricas possuíam uma forte inclinação para entrar em estados hipnóticos, o que gerava uma intensa traumatização (HAUTE&GEYSKENS, 2016).

Então, a partir do momento em que Freud abandona a teoria da sedução, a qual era composta por uma crença de que a memória de um trauma sexual causava a neurose obsessiva

e a histeria, acontece uma “reavaliação do papel da disposição hereditária na etiologia das neuroses”, transpondo o foco para uma disposição constituída sexualmente, libidinalmente (HAUTE&GEYSKENS, 2016, p. 45). Nesse sentido, a sedução provoca sofrimento, além de determinar o modo pelo qual o trauma é vivenciado; ademais, a excitação sexual é convertida em angústia para uma pessoa com disposição histérica. Daí chega-se à conclusão de que existem diferentes disposições libidinais a partir da diversidade de confrontos com a sexualidade.

Esse percurso temporal da histeria nos leva a refletir acerca da presença de algo na experiência feminina que não era ouvido; assim, aquilo que é inaudível não entra em um campo de atualidades e sim da historicidade, ou seja, o não-ouvir o feminino precisa ser “questionado de um ponto de vista histórico e não de um ponto de vista do saber” (HAUTE&GEYSKENS, 2016). Assim como a construção da masculinidade sob um estereótipo de virilidade dá vasão para um questionamento acerca das formas de ouvir o masculino.

Freud (1905/1976) atribui uma atenção considerável à sexualidade infantil, de modo que os acontecimentos com teor sexual na infância se tornam extremamente relevantes para desdobramentos futuros em relação à classificação das neuroses, como também marcam o início do caminho que o leva a pensar no Complexo de Édipo. Além de elaborar os conceitos de “pulsão sexual” e “pulsão de autoconservação”, que serão posteriormente reformulados no interior da “pulsão de vida”, antagônica à “pulsão de morte”, o autor também traz à tona o termo libido.

A libido, caracterizada por ser uma espécie de energia da pulsão sexual, ganha grande destaque na obra de Freud, pois é partir dela que ele fórmula as fases do desenvolvimento psicosssexual, as quais são: oral, anal, fálica, latência e genital. Tais fases acontecem entre os 3 e 5 anos de idade, momento em que é iniciado o Complexo edipiano, como também há um “borbulho de sentimentos” em relação às figuras maternas e paternas (MARQUES, 2015, p.19).

2.2 Complexo de Édipo

Para iniciar esse debate acerca da trama edipiana, a fim de aprofundarmos a temática da sexualidade e da constituição do sujeito, evidencia-se um campo teórico permeado de importantes contribuições, mas também alvo de inúmeras críticas. Nesse sentido, Jacqueline Moreira (2004) diz:

O complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica. Para a teoria psicanalítica, o momento crucial da constituição do sujeito situa-se no campo da cena edípica. Dessa forma, o Édipo não

é somente o “complexo nuclear” das neuroses, mas também o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexuação. Será a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração. (MOREIRA, 2004, p. 219)

Importante evidenciar que Freud se apropria das relações entre mãe, pai e criança do mito de Édipo Rei para a criação do Complexo, de modo que tal sirva para a compreensão da formulação das neuroses e da sexualidade infantil. Tal formulação perpassa a ideia de uma organização genital infantil diferenciada de uma organização genital adulta por uma primazia do falo, ou seja, independentemente dos sexos, existe uma priorização do genital masculino em função de uma invisibilização da genitália feminina (FREUD, 1923/2011); pois a criança do sexo feminino é reconhecida por uma falta do “objeto fálico” e não pela presença de um genital próprio da sua constituição biológica, mesmo que posteriormente o falo assuma uma posição simbólica.

Essa organização proposta por Freud (1923/2011) é importante, pois o autor relata que uma possível compreensão do complexo de castração seria considerar sua gênese na fase de primazia do falo, sendo assim a ideia de perda associada ao genital (FREUD, 1923/2011). A partir dessas explanações, é possível perceber características e comportamentos quase que pré-determinados para meninos e meninas, os quais o/a direcionam para uma estrutura clínica psicopatológica, além de determinar sua orientação sexual e identidade de gênero.

Para Freud (1923/2011), o complexo de Édipo, grosso modo, diz respeito a um “fenômeno central do período sexual da primeira infância” (FREUD, 1923/2011, p.102). Nesse sentido, a menina, ao considerar-se como principal objeto de amor do pai, deve sofrer uma punição por parte dele para quebrar com tal concepção, enquanto o menino fantasia a mãe como propriedade até perceber uma transferência amorosa por parte dela direcionada a um terceiro (FREUD, 1923/2011).

Uma hipótese para a sua resolução diz respeito à “experiência de desapontamentos penosos” (FREUD, 1923/2011, p. 102). Ao considerar que é a ameaça de castração que gera a destruição da organização fálica da criança, coloca-se em jogo “um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo (pênis/ausência de pênis) e a catexia libidinal de seus objetos parentais” (FREUD, 1923/2011, p. 104). Em seguida, esse investimento do objeto é substituído por identificações:

A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências

libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição (FREUD, 1923/2011, p. 104).

Acerca do complexo, Moreira (2004, p. 219) considera um “processo tortuoso” a concepção teórica e clínica como fundamental na estruturação do sujeito, ao passo que ao mesmo tempo que pode apresentar uma lógica linear, não possui uma ordem temporal fixa, pois os acontecimentos “se afirmam num processo de prospecção e retenção”. Assim, divide o complexo em quatro movimentos: (i) “O Édipo na teoria dos sonhos”; (ii) “O Édipo no interior da problemática do pai totêmico”; (iii) “o mecanismo da identificação do Édipo”; e (iv) o “Édipo e o Complexo de Castração” (MOREIRA, 2004, p. 219).

Na presente pesquisa, vamos nos ater aos três últimos movimentos, de modo que a autora realiza importantes considerações para o desenvolvimento do estudo. A primeira explicação teórica do Édipo, segundo a autora, está presente na dinâmica do sonho, em que tal é concebido como uma manifestação de um desejo inconsciente, assim como no mito da horda primeva. Tais âmbitos significam o Édipo em sua forma positiva ao possivelmente receberem influências de uma “ordem biológica” (MOREIRA, 2004, p. 221).

Quando se trata do Édipo imerso na problemática do pai totêmico, a discussão parece caminhar em uma direção mais antropológica e menos biológica. Introduzindo, então, a questão do outro, ao passo que, a partir de uma situação triangular, esse outro não é irreduzível, mas é presente “como uma cena interna do aparelho psíquico ou do *eu*” (MOREIRA, 2004, p. 221). O pai totêmico utilizado como “recurso mítico” não estabelece uma relação dialógica, assim como o pai da teoria das neuroses, perverso e sedutor. O que há de semelhante nas duas representações é a “auto-afirmação narcísica do pai e a desconsideração do desejo dos filhos” (MOREIRA, 2004, p. 221). Portanto, a autora exerce uma comparação entre o totem e o pai edípico como idênticos, pois “ambos representam e promulgam a lei de proibição do incesto e seriam, nesse sentido, os representantes do outro-abstrato” (MOREIRA, 2004, p. 222).

Ademais, no mito da horda primeva tem-se a identificação dos irmãos que planejam a morte do pai, em função das suas características autoritárias e violentas. Então, com o devoramento do pai no banquete, há uma introjeção da lei paterna, de forma que não há alteração de funcionamento social pós-morte do pai e ainda se emerge um sentimento de culpa, esse que acaba por originar uma organização social pautada na moralidade (MOREIRA, 2004).

Presencia-se, então, o negativo do Édipo, concomitante a um conflito psicológico que vai além de uma determinação biológica e convida-nos a uma reflexão acerca “do vir-a-ser da

subjetivação” (MOREIRA, 2004, p. 223). A autora defende que as genitálias não são suficientes para definir o ser homem ou ser mulher, pois, diz ela, “o menino pode se recusar a abandonar a mãe e transformar sua catexia objetual em uma identificação regressiva; pode espelhar-se na mãe como um outro narcísico e furtar-se a identificação com o pai em uma escolha de outro-objeto” (MOREIRA, 2004, p. 223).

A concepção de outro-objeto como aquele que está morto também é importante para essa pesquisa. Freud (1917/2010) relata que, no luto, há um processo de identificação, mais comum do que se imagina, frente a uma relação de escolha objetual, ou seja, há um investimento libidinal em um objeto escolhido e, quando há uma destruição dessa relação, o que ocorre é um deslocamento da libido para o “eu” ocasionando uma identificação narcísica (FREUD, 1917/2010). Nesse sentido, o pai morto tem mais valor do que vivo, o que não gera um acesso a um prazer incestuoso e ilimitado, mas uma submissão à lei do pai (HAUTE&GEYSKENS, 2016).

Segundo Haute e Geyskens (2016), uma possível leitura dessa situação seria enxergar a ênfase no assassinato do pai como um falso reconhecimento do caráter estrutural da castração, pois, para Lacan, é na ordem do simbólico que o falo entraria como significante da falta. Então, o pai morto seria sinônimo do real, o real impossível, ou seja, não há possibilidade de prazer ilimitado. Os autores relatam que “o falo é o significante de uma falta irremovível no simbólico: o objeto capaz de satisfazer o desejo, é na realidade, irrecuperável” (HAUTE&GEYSKENS, 2016, p. 150).

Portanto, os psicanalistas reforçam o caráter falocêntrico da teoria quando dizem que, para Lacan:

No simbólico, a diferença sexual apenas se torna significativa a partir da referência ao falo como significante da falta. Isto implica que há apenas um único ponto de referência no simbólico nos termos do qual ambos os sexos se determinam vis-à-vis o outro (HAUTE&GEYSKENS, 2016, p. 159).

É possível perceber nesse tópico de que forma o complexo de Édipo e os processos de identificação se entrecruzam e constituem um momento, se é que se pode dizer, definitivo para a constituição e transformação do sujeito na teoria psicanalítica, assim como o falo possui um significado central, na teoria, que abre espaço para as críticas, principalmente, de sociólogos/as e antropólogos/as.

Nesse sentido, Deleuze (2010) realiza importantes críticas ao realizar questionamentos sobre a formulação do complexo de Édipo em um momento sócio-histórico-cultural influenciado por uma cultura europeia, a qual na época significava a masculinidade e a feminilidade a partir de uma hegemonia estereotipada que ressoa na cultura ocidental até os dias de hoje. Dessa forma, o autor desenvolve discussões críticas acerca de uma possível universalização ou generalização de uma invariante estrutura edípiana que pudesse reforçar ou se esforçar para a manutenção de uma “interminável repressão” por via da imagem e da estrutura (DELEUZE, 2010, p. 76). Assim, seria plausível pensar no Édipo por meio de uma “simples” superação do biológico, visto que o simbólico tomou um local de destaque na psicanálise? Isto é, com a presença dos significantes, que sustentam o simbólico na psicanálise, por exemplo, o falo foi significado de outra forma, que não a biológica. Então, a partir de uma ressignificação do termo seria possível pensar que o Édipo não reforçasse as normas de gênero?

Butler (2003/1990) também exerce críticas construtivas acerca da teoria psicanalítica ao se debruçar sob a matriz heterossexual presente tanto na teoria como na prática clínica, de modo que a incoerência entre sexo e identidade sexual em Freud acaba por ser patologizada, além de uma suposta gênese natural dos gêneros ser reforçada a partir do binarismo. Nesse sentido, o complexo de Édipo para a autora possui uma função normativa, visto que é a partir dele que se define o que é um homem ou uma mulher (BUTLER, 2003/1990, citada por DUNKER, 2017).

O complexo de Édipo, juntamente ao complexo da castração, constitui tanto para Freud, como para Lacan, os processos de formação da identidade de um sujeito dentro de uma lógica que prioriza essencialmente uma hierarquia entre o feminino e o masculino (BIRMAN, 2006). Dessa forma, pensar que a orientação sexual depende da experiência da castração e da vivência da trama edípica, assim como a diferença sexual é baseada na ausência do significante falo, implica uma teoria com base em uma “heterossexualidade compulsória” baseada no falocentrismo, como abordado por Butler (COSSI & DUNKER, 2017).

2.3 Bissexualidade constitutiva e homossexualidade

No momento de formulação do complexo de Édipo, Freud e Fliess formularam uma teoria anterior a situação triangular presente na fórmula edípiana, e que logo foi abandonada. Porém, com o estudo da sexualidade e das identificações, a teoria da bissexualidade constitutiva deixou importantes contribuições para a psicanálise. Assim, a fim de explicitarmos as diversas

modalidades de subjetivação da comunidade LGBT, assim como os desdobramentos da sexualidade na sociedade contemporânea, é importante evidenciar a presente discussão.

No que diz respeito às orientações sexuais, Freud (1905/1976) cria o conceito de bissexualidade constitutiva já presente anteriormente nas obras de Fliess. O autor relata: “(...) a disposição bissexual dota o indivíduo tanto de centros cerebrais masculinos e femininos quanto de órgãos sexuais somáticos” (FREUD, 1905/1976, p. 90). Dessa forma, o significado da bissexualidade para Freud é que mulheres e homens são homo e heterossexuais simultaneamente, ademais atribui a ela um fator decisivo em sua teoria (HAUTE&GEYSKENS, 2016).

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Freud concebe a bissexualidade como uma disposição psíquica inconsciente, advinda da subjetividade humana e fundamentada em uma diferença sexual, ou seja, cada indivíduo possui a possibilidade de fazer uma escolha sexual, ou por meio do recalque, o qual é um dos dois componentes da sexualidade (masculino e feminino); ou por meio da aceitação desses dois componentes; ou ainda, pela “renegação” da diferença sexual. Ademais, é a partir dessa concepção que se apresentam os desdobramentos, os quais permeiam o campo da identificação e, conseqüentemente, intervém na criação do Complexo de Édipo (CARNEIRO, 2017).

Ademais, Jorge (2005) argumenta que a bissexualidade para Freud diz respeito a uma “bissexualidade psicológica” e que somente na perspectiva de Fliess é que ela assume um caráter biológico. Para o autor “a bissexualidade constituiu, na verdade, a possibilidade de nomeação, por Freud, das incidências produzidas pela perda originária do objeto do desejo sobre a sexualidade humana” (JORGE, 2005, p. 30). Isso significa que o desejo é movimentado por um objeto que falta, mas também que, se é que se pode falar de uma essência da bissexualidade, ela diz respeito a uma conciliação de duas orientações sexuais sem atritos.

No que diz respeito à homossexualidade, Freud (1905/1976) a define como um tipo de *inversão*, a qual difere da orientação da pulsão destinada a um objeto sexual dito normal, o que seria a heterossexualidade. Segundo Cecarelli (2008), a homossexualidade pode ser considerada uma posição libidinal tão legítima quanto a heterossexualidade, apesar das ambigüidades presentes na obra de Freud. Além disso, o autor ainda relata que ambas as orientações são destinos pulsionais ligados à resolução edípica. Para tal conclusão, o autor apresenta duas passagens importantes nos escritos de Freud, o primeiro presente nos “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905/1976):

[...] do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois

não é fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração afinal de natureza química (FREUD, 1905/1976. 146).

O segundo em “A psicogênese de um caso de homossexualismo”⁹ em uma mulher (1920/1976):

Não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até as disposições pulsionais (FREUD, 1920/1976, p. 211).

Dessa forma, é possível perceber que, ao mesmo tempo que as orientações sexuais são uma questão de escolha de objeto, mesmo que inconsciente, elas se estabelecem como uma corrente sexual forte, estabelecendo uma fluidez libidinal em duas correntes, de modo que a homossexualidade poderia ser uma corrente sexual manifesta, enquanto que a heterossexualidade seria uma corrente sexual latente ou vice-versa (HAUTE&GEYSKENS, 2016).

Tal fluidez libidinal citada anteriormente é também abordada como uma necessidade de uma dupla fantasia, uma masculina e outra feminina, sendo uma delas originada por um impulso homossexual (FREUD, 1908/1996). Nesse sentido, Freud (1908/1996) diz que um ato masturbatório é composto por duas partes, uma é a evocação da fantasia e a outra é um comportamento ativo, sendo que as duas juntas culminam em uma autogratificação. Dessa forma, estabelece-se uma relação direta entre fantasia inconsciente e a vida sexual do sujeito, tendo em vista a semelhança à fantasia obtida para gerar satisfação sexual durante uma masturbação (FREUD, 1908/1996).

Em continuidade, Freud (1908/1996) ainda reforça que os sintomas histéricos são, simultaneamente, resultantes de uma fantasia sexual feminina e outra masculina, atribuindo uma natureza bissexual ao pressupor “a exigência de uma disposição bissexual inata no homem” (FREUD, 1908/1996, p. 6) ao realizar uma análise de uma psiconeurose pois, novamente, durante um ato masturbatório, a pessoa tenta obter o prazer sexual tanto da forma que o homem sente, como da forma que a mulher sente, o que evoca uma tentativa de esconder a fantasia

⁹Importante ressaltar que o termo “homossexualismo” não é mais utilizado, atualmente, pois o sufixo “ismo” faz referência a uma patologia, o que não faz sentido ao se retratar a uma forma de se viver a sexualidade. Então, a ressignificação do termo para homossexualidade já é usada para representar um dos tipos de orientação sexual. Enfim, a utilização do termo homossexualismo foi escolhido para fazer jus ao título do texto escrito por Freud na época.

inconsciente que está em ação (FREUD, 1908/1996). Por isso, o autor ainda adverte sobre a importância de um psicanalista não se surpreender caso encontre sintomas com significados bissexuais e se atentar à possibilidade de as associações constantemente passarem a ter um significado sexual oposto, como uma “trilha paralela” (FREUD, 1908/1996).

Ademais, pode-se dizer que há uma busca por uma dupla identificação e começa a se considerar uma possibilidade de uma sexualidade dinâmica, assim como uma “identidade de gênero plural e incerta” (HAUTE&GEYSKENS, 2016, p. 68). Portanto, a homossexualidade como dispositivo sexual poderia representar um caminho, frente a tantos outros, em que a partir de uma “constelação libidinal” específica se expressariam, da mesma forma, as manifestações do inconsciente e as escolhas conscientes (HAUTE&GEYSKENS, 2016, p. 70).

Enfim, a grande contribuição da teoria da bissexualidade constitutiva de Freud, a qual é importante lembrar que ganhou pouco reconhecimento devido à protagonização do complexo de Édipo frente a ela, é o atestamento de uma diferença pura no psiquismo. Ou seja, mostrar que, no interior do funcionamento psíquico, o que prevalece não é a junção do masculino acrescido ao feminino, mas sim a existência de uma diferença estrutural na origem da vida psíquica que, quando significada pelo sujeito, acaba por fazer parte dos diferentes modos de subjetivação construídos por ele.

CAPÍTULO 3 – A(S) IDENTIDADE(S) EM QUESTÃO

Ao dissertar brevemente sobre a sexualidade, mais especificamente sobre as orientações sexuais, percebeu-se a necessidade de abordar as questões de identidade a seguir: (i) Identificação em Lacan e (ii) Identidades: uma perspectiva socioantropológica. Assim, pretende-se complementar as discussões já realizadas, tendo em vista que os processos de identificação ocorrem simultaneamente ao complexo de Édipo, assim como analisar as identidades de gênero da contemporaneidade.

3.1 Identificação em Lacan

Então, falar sobre identificação implicará referir-nos à teoria psicanalítica de Jacques Lacan para que consigamos fazer o devido aprofundamento. O “estádio do espelho”, como nomeado pelo autor, consiste em um processo de maturação em que a criança experimenta uma espécie de identificação fundamental, a qual implica uma conquista de sua própria imagem. Assim, a partir de uma identificação primeira com essa imagem, haverá uma estruturação do “Eu” que termina com uma experiência fantasmática do corpo esfacelado (DOR, 1989).

Ou seja, inicialmente o eu e o outro se configuram como uma só unidade, havendo uma espécie de não-diferenciação, de modo que se vivencia e se orienta primeiramente em relação ao outro, momento em que se percebe com nitidez o assujeitamento da criança no registro do imaginário. Posteriormente, a criança percebe que a imagem que vê no espelho não é real, então ela consegue distinguir o que é imagem e o que é realidade para que, por último, ela adquira o reconhecimento da sua própria imagem, a partir de uma segurança de que o reflexo do espelho seja simplesmente uma imagem. Assim, ela consegue unificar a imagem do seu próprio corpo, que anteriormente se configurava como um corpo esfacelado (DOR, 1989).

Nesse sentido, diz o autor: “A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identidade do sujeito, que através dela realiza assim, sua *identificação primordial*” (DOR, 1989, p. 80). Sendo assim, o estágio do espelho é uma experiência marcada por um reconhecimento imaginário que simboliza uma formação prévia do Eu, de modo que o reconhecimento de si na imagem do espelho não configura quem a criança é, mas sim a relação a partir da qual ela se reconhece (DOR, 1989).

Lacan realiza uma comparação desse momento ao efeito “eureka”, o qual funciona como um entendimento súbito de algo que não se compreendia anteriormente. Dessa forma, o que acontece é uma circunscrição da instância do eu, antes até das disposições sociais dirigidas

a ele, de modo que a identificação como “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1949, p. 98) precipite também sua restituição por via da linguagem, ou seja, que essa transformação no momento em que assume uma imagem precipite, inclusive, as atribuições que a linguagem lhe direciona como função (LACAN, 1949).

Posterior a esse momento de identificação, a criança não necessariamente se dissociou completamente da mãe, de modo que ela busque preencher a falta do que supõe ser a falta da mãe, o falo. Esse momento é facilitado pelas trocas entre mãe e criança por meio da satisfação das necessidades e primeiros cuidados, por exemplo. Ou seja, a criança pressupõe que o objeto de desejo da mãe é o falo e se coloca em lugar de ser ou não o falo, a fim de uma suposição de satisfação do desejo da mãe, até o aparecimento da castração (DOR, 1989; LACAN, 1949).

Importante ressaltar que o momento, citado anteriormente, já se caracteriza como a fase inicial do Complexo de Édipo. Dando continuidade, “a castração é denominada o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 105). Então, a criança é atravessada pela dimensão paterna, momento em que é simultânea a percepção de diferenciação imagética eu-outro no estádio do espelho, pois, sem a entrada de um terceiro na relação mãe-criança, a própria relação se permaneceria quase que inseparável e a criança manteria seu impasse de identificação com o falo.

Nesse sentido, a criança é obrigada a passar pela entrada de um terceiro para que ela questione a sua identificação com o falo e assim consiga abdicar de sua posição e simbolizar a lei, fato que concretiza a metáfora do Nome-do-Pai e dá à criança uma espécie de significação, o que implica a resolução do complexo de Édipo (DOR, 1989). Porém, é importante dizer que tal processo de identificação é vivido de maneiras diferentes entre meninos e meninas, como também que a experiência da castração seria definitiva para a constituição do sujeito.

Ademais, o estádio do espelho tem como função uma particularidade da função da *imago*, a qual se caracteriza por uma imagem primitiva que faz marca, essa que será carregada para o resto da vida do sujeito. Portanto, a função do estádio do espelho é estabelecer uma relação do mundo interior com o mundo circundante, ou seja, aquele que está a sua volta (LACAN, 1949, p. 100). Dessa forma, para Lacan é necessário que o sujeito passe por essa alienação constituinte para que, posteriormente, ele possa se desfazer dela.

Nesse sentido, a alienação constituinte do eu é estruturante para que posteriormente isso possa ser identificado e desfeito em direção à construção de algo do sujeito. O sujeito nasce

nesse desamparo e passa a vida inteira tentando tamponar esse furo e buscar respostas, de modo que é preciso que se aliene a falta pois, a ilusão de uma imagem total, a qual é totalmente falaciosa, implica uma busca pela confirmação no olhar da mãe, aquela que entra no lugar do Outro nesse momento, e então, esboça-se o eu ideal (LACAN, 1949).

A identificação em Lacan, por sua vez, diz sobre a falsa ideia de um eu total e absoluto, que se constitui como necessária para a emergência de um sujeito, esse que emerge, justamente, na falta e no equívoco, naquilo que lhe falta. Por conseguinte, apresentam-se as concepções de identidade, a partir de uma perspectiva de teóricos da contemporaneidade, a fim ampliar a discussão teórica realizada, e, também analisar as identidades de gênero e os entrelaçamentos com o sofrimento psíquico.

3.2 Identidades: uma perspectiva socioantropológica

Segundo Woodward (2000), as identidades são caracterizadas por relações entre o eu e o outro, de forma relacional, também por símbolos, mas principalmente pela marcação simbólica da diferença. A autora desenvolve uma forte crítica ao modo como práticas excludentes enfatizam questões de pertencimento e não-pertencimento, tomando a identidade como algo supostamente fixo e imutável, pois, ao excluir o outro, pressupõe-se que o indivíduo se defina apenas, unicamente, por tal característica (WOODWARD, 2000).

Nesse sentido, Hall (2006) argumenta que o declínio de velhas identidades concomitante ao surgimento de novas tem fragmentado o indivíduo moderno, o qual é visto como um sujeito unificado. Apresenta, então, uma “crise da identidade”, que coloca em questão a estabilidade das estruturas sociais ao afligir as referências que supostamente respaldavam os indivíduos. Então, o teórico cultural faz uma divisão categórica e histórica acerca de três concepções de identidade, são elas: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo é baseado na ideia de um sujeito unificado e masculino, composto por uma razão, uma consciência e uma capacidade de agir, que constituem seu “centro”. Esse “centro” emergiria no nascimento e se desenvolveria ao longo do crescimento do indivíduo, sendo sinônimo de sua identidade; logo, presumia-se uma essência da identidade, o que parece uma visão individualista (HALL, 2006).

O sujeito sociológico, por sua vez, reflete a noção de um sujeito constituído por uma essência do indivíduo, que se modifica e se transforma na relação com o outro. Não há mais uma ideia de autonomia e autossuficiência, mas sim a formação de si pautada em uma relação

interacional entre o sujeito e a sociedade, o privado e o público (HALL, 2006). Sendo estabelecida uma ideia de indivíduo e cultura como co-constituintes, pois ao mesmo tempo que ocorre uma internalização de significados e valores culturais e sociais, os próprios sujeitos são criadores desses valores.

Por fim, o sujeito pós-moderno é aquele que apresenta a noção de que não há identidades fixas e imutáveis, porém, a existência de várias identidades mútuas e plurais. O sociólogo diz que “o próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 12). Pois, a identidade é histórica e não-biológica, em virtude de um sujeito que assume diferentes identidades em diferentes momentos como uma “‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987; HALL, 2006, p. 13). O que implica dizer que, segundo o autor, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13).

A previamente mencionada “crise da identidade” equivale a não mais concepção de uma identidade una presente no sujeito do iluminismo, porém a emergência de identidades mútuas e plurais, que constantemente passam por um processo de significação e ressignificação. Essa nova perspectiva acompanha os novos modos de vida da modernidade, que eximiram qualquer possibilidade de uma ordem social ao serem representadas por diversas “descontinuidades”, isto é, uma modernidade “caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior” (HARVEY, 1989, p. 12, citado por HALL, 2006, p. 16). Quer dizer, se uma sociedade está sujeita a uma constância de fragmentações, é como se não houvesse um único princípio organizador social, mas sim vários que, simultaneamente, passam por mudanças e transformações (HALL, 2006).

Importante refletir que a sociedade contemporânea, ao carregar essa constância de fragmentação de valores e ideais culturais, reafirma a efemeridade das identidades direcionando as significações e ressignificações como fruto da multiplicidade de diferenças que as caracterizam. Nesse sentido, acerca das sociedades da “modernidade tardia”, Hall (2006) diz:

Elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições do sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa

articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta (HALL, 2006, p. 17).

A permanente abertura dessa estrutura identitária é central para a diversidade de afirmações e negações pelas quais os sujeitos se definem, ocasionando uma ideia de identidade constituída, na verdade, por uma não-identidade. De acordo com Madureira e Branco (2007), o senso comum ainda concebe com naturalidade uma mudança de profissão ou até mesmo de classe social. Porém, quando se trata de uma mudança de identidade de gênero ou identidade sexual, o mesmo não ocorre, porque tais são vistas como “essências imutáveis”. Por identidade de gênero entende-se as mais variadas formas de tornar-se mulher ou homem e, por identidade sexual, as diferentes formas de subjetivação das orientações sexuais (MADUREIRA&BRANCO, 2007, p. 82).

Importante evidenciar como o gênero e a sexualidade parecem ser elementos tão primitivos da identidade que ainda hoje existe uma dificuldade na compreensão da subversão da identidade heteronormativa. Isto é, compreender a existência de pessoas transgênero e as novas formas de subjetivação do sexo na contemporaneidade, tais como os homossexuais, pansexuais e demissexuais. No que diz respeito à subversão das identidades e à estrutura inteligível entre gênero e sexualidade, Butler (2017) diz:

Em outras palavras, a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam as normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas (BUTLER, 2017, p. 43).

É possível dizer que as novas formas de identidade de gênero e orientações sexuais abrem um campo de questionamentos acerca das estruturas rígidas e inflexíveis que enquadravam um ser humano como possibilidade do que se poderia ser. A relevância dessa ideia concerne à concepção de que a diferença e a identidade parecem estabelecer uma relação de dependência. Isto é, quando se afirma “sou heterossexual”, abre-se um campo de negações, pois a necessidade de afirmação implica em uma negação. As afirmações de identidade, portanto, só fazem sentido em relação às afirmações de diferença e vice-versa (SILVA, 2000).

Ademais, além da interdependência presente na relação entre identidade e diferença, “elas são o resultado de ato da criação linguística” (SILVA, 2000, p. 74). Isto quer dizer que elas são frutos da linguagem, que só podemos falar em identidade e diferença porque não existe uma essência e uma natureza da identidade ou da diferença, mas porque há uma nomeação social e cultural que as origina como tais.

É através da linguagem, da nomeação e do falar que se institui uma identidade e uma diferença; para além dos sistemas de significação, não é possível compreendê-la. O autor afirma: “não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (SILVA, 2000, p. 74). Porém, muitas vezes, a linguagem não dá conta de explicar a realidade, ela própria possui suas limitações e instabilidades.

Em síntese, a discussão que engloba a identidade e a diferença em uma perspectiva socioantropológica apresenta uma interdependência simbólica que perpassa as mudanças históricas, sociais e culturais. De modo que, na contemporaneidade, não há uma única identidade, mas sim uma variedade de fatores que simultaneamente contribuem para uma formação dinâmica de um eu. A partir de processos identificatórios, há uma interpelação de cruzamentos e deslocamentos daquilo que se pode ou não introjetar. Enfim, é a ideia central de uma permanente abertura de uma estrutura identitária, sujeita a uma constância de refazimentos e ressignificações.

Ao nos depararmos com a quantidade de conceitos e ideias discutidas até o presente o momento, notam-se os atravessamentos entre o campo de gênero e a sexualidade. Nesse sentido, compreende-se que as teorias exploradas, ao mesmo tempo que seguem uma “linearidade temporal” se cruzam, pois estão a mercê das “retenções e prospecções” processuais, como dito por Moreira (2004). Por exemplo, a teoria da bissexualidade constitutiva antecedeu a teoria edipiana, ao passo que contribui para uma noção da diferença.

Sobre os processos identificatórios, foi possível verificar como eles se entrelaçam com o próprio complexo de Édipo, ao passo que logo nos primeiros anos de vida, percebe-se a situação triangular permeada, por exemplo pelas identificações narcísicas. Assim como, conclui-se que ao falar de gênero e sexualidade, apresentam-se questões ainda em aberto, de modo que com o advento da contemporaneidade, parecem estar cada vez mais submetidas uma constância de ressignificações, como abordado anteriormente. Portanto, acredita-se que as articulações teóricas realizadas, possuem importantes contribuições para as discussões de gênero e sexualidade direcionadas aos campos da psicologia e da psicanálise.

MÉTODO

A presente pesquisa adotou como estratégia metodológica os princípios da Análise de Discurso, articulados aos aportes teórico-metodológicos da psicanálise. Tomou-se, como foco das análises, as interfaces entre sujeito e fenômenos sócio-políticos, concebendo-os como indissociáveis, apesar da existência de críticas acerca dessa indissociação. Assim, são necessárias algumas explicações e contextualizações acerca da estratégia metodológica adotada a fim de promover uma melhor compreensão acerca do que será trabalhado.

Segundo Rosa (2004), a “psicanálise extramuros” tem como prática a abordagem do sujeito não inserido no tratamento psicanalítico, mas sim envolto nos fenômenos sociais e políticos. Assim, essa abordagem foi nomeada por Freud de “psicanálise aplicada”, tendo em vista a possibilidade da aplicação de técnicas e conceitos da teoria em um objeto externo em relação à clínica. A psicanálise, por sua vez, ao levar em consideração a superação do discurso produzido pelo consciente, diz respeito a um sujeito que, a partir de uma linguagem simbólica, constrói um saber produzido e sustentado pela sua verdade (ROSA, 2004).

Nesse sentido, é importante frisar que, apesar de a psicanálise priorizar um tratamento singular, Freud se utilizou, diversas vezes, de fenômenos sociais para compreender processos individuais e vice-versa, como por exemplo em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921), “Mal Estar na Civilização” (1929), “Totem e Tabu” (1911) etc. Além disso, o próprio autor recusa a separação entre indivíduo e sociedade, afinal, a existência de trocas mútuas e constantes entre indivíduo e sociedade produz consequências diretas para as duas instâncias (ROSA, 2004).

Autores como Althusser (1998), Birman (2006) e Plon (1998) apresentam diversas sugestões e articulações de temas a serem trabalhados em conjunção com a psicanálise como, por exemplo, paternidade, maternidade, infância, crenças, valores, ética, violência articulados à transferência, organização pulsional, castração, noção de sujeito etc. Assim, acredita-se que pensar nas interfaces entre diversos campos do saber pode ser uma possibilidade de construção e ampliação de novas formas de enxergar e significar os fenômenos individuais, sociais e políticos.

Outro ponto importante a ser destacado é a impossibilidade de uma imparcialidade do/a pesquisador/a na pesquisa, visto que tal pessoa é afetado/a diretamente pelas questões, descobertas e desenvolvimentos teóricos ali produzidos. Figueiredo e Minerbo (2006) relatam

que “o sujeito de pesquisa”, o “objeto de pesquisa” e os “meios de investigação” sequer permanecem intactos, pois durante a pesquisa pode ocorrer uma espécie de ajuntamento suscitada por uma constituição e transformação mútua. Sendo assim, esse processo de ajuntamento traz à tona os momentos de descoberta e invenção suscitados pelo discurso produzido ou por um depoimento colhido a partir de uma entrevista (FIGUEIREDO & MINERBO, 2006).

Ademais, Rosa (2004, p. 341) diz: “O método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito, e constrói uma metapsicologia não isolada, mas fruto da escuta psicanalítica, que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa”. Ou seja, é fundamental na pesquisa com método psicanalítico o foco no modo de elaboração das questões, uma vez que o/a pesquisador/a se encontra em prol da questão apresentada.

Nesse sentido, o envolvimento do/a pesquisador/a com o seu objeto de pesquisa perpassa uma zona de pressupostos ideológicos, teóricos e simbólicos, os quais fazem parte de suas possíveis transformações em sua história de vida e que, por sua vez, dão vazão às relações transferenciais e contratransferenciais (FIGUEIREDO & MINERBO, 2006). Simultaneamente ao estabelecimento de tais relações, o inconsciente se faz presente não só na clínica psicanalítica, mas também nas diversas formas de manifestações psicossocioculturais, além de marcarem de uma forma única os processos de descoberta, criação e invenção em uma pesquisa com método psicanalítico (FIGUEIREDO & MINERBO, 2006; ROSA, 2004).

Em síntese, a pesquisa em psicanálise é caracterizada pela indissociabilidade entre as dimensões individual e social, as quais integram teoria, prática e pesquisa, ao reconhecer que o inconsciente e a transferência estão presentes, além de na clínica, na sociedade e na cultura. Também se concentra em investigar processos mentais inconscientes, como em obter uma adesão de conhecimentos em constante expansão abrindo a possibilidade para uma reformulação do objeto de pesquisa. Portanto, tais processos corroboram para uma transformação da relação entre pesquisador/a, objeto de pesquisa e meios de investigação.

Com o intuito de condizer com os objetivos elaborados, foi escolhido os princípios metodológicos da Análise de Discurso, tendo em vista que o discurso por si só é uma organização simbólica. Ou seja, analisar um discurso significa realizar uma análise interna, como exemplo os “não-ditos” ou o que está por trás daquele discurso, mas também uma análise externa a partir dos motivos que aquele discurso se estrutura de tal forma (GREGOLIN, 1995).

Dessa forma, a Análise de Discurso é caracterizada pela possibilidade de compreensão da construção do sentido de um texto, visto que todo discurso é produzido frente a um contexto

histórico e social. Além disso, é importante destacar que todo discurso é um objeto de estudo composto pela história e pela linguagem e que, para obter um mínimo em termos de entendimento, é necessário levar em conta tais aspectos (GREGOLIN, 1995).

O discurso como pilar desse método nos permite observar a palavra em movimento, percorrendo o seu curso, assim como seus modos de significação. Por isso, não é possível separá-lo da história e da sociedade em que se insere, visto que essas dimensões são constituintes desse objeto. Assim, o estudo do discurso implica uma imersão contatual com as diversas formas que o indivíduo significa aquilo que lhe rodeia, pois é a partir da linguagem que se estabelece uma ponte entre a sua vida em si e a realidade por ele percebida (ORLANDI, 2012).

Três dimensões merecem um especial destaque, são elas: a língua, o discurso e a ideologia. Visto que o discurso se materializa na língua, é importante perceber que analisar o discurso é questionar o modo que ele se relaciona com a situação que o criou. Logo, o discurso não faz sentido para quem não se afeta diretamente por ele, ou seja, o indivíduo precisa estar inserido em tal contexto ou situação para lhe atribuir sentido. É nesse ponto que a ideologia é inserida como “um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade” (GREGOLIN, 1995, p. 17). E, assim, o indivíduo se faz sujeito a partir da ideologia, ao passo que a língua lhe possibilita produzir sentidos dos mais diversos (GREGOLIN, 1995; ORLANDI, 2012).

Ademais, a existência de diversos tipos de discursos não recebe tamanha atenção frente ao modo de funcionamento dele, pois mesmo que eles sejam resultado de uma cristalização de um modo de pensar em sociedade, o destaque dado será às propriedades internas do processo discursivo. Portanto, em congruência com as ideias apresentadas, serão feitas entrevistas, previamente estruturadas, a fim de nortear a pesquisadora para que se possa fazer a análise do discurso presente no depoimento do(s) participante(s) escolhido(s), como a análise da autobiografia de Ney Matogrosso.

4.1 Participantes

Um homem que se autodenomina integrante da população LGBT do Distrito Federal.

4.2 Materiais e Instrumentos

Os materiais utilizados na pesquisa foram: 2 cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, um roteiro de entrevista impresso para guiar a pesquisadora na condução

da entrevista, um gravador de voz e o livro autobiográfico de Ney Matogrosso, cujo título é “Vira-Lata de Raça: memórias” (MATOGROSSO&MELLO, 2018).

4.3 Procedimentos de construção do material

Primeiramente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa do Uniceub para uma avaliação. Após a aprovação, foi feito o contato com o participante, assim como um combinado sobre local e hora para a realização da entrevista.

No primeiro momento foi apresentado o TCLE e feitos esclarecimentos acerca do sigilo relacionado à identidade pessoal dele, assim como sobre a gravação da entrevista mediante o consentimento do participante. Em um segundo momento, foi feito um levantamento bibliográfico, a partir de fichamentos e posteriormente uma organização dos desenvolvimentos teóricos acerca dos eixos da sexualidade e da identificação em Lacan, Freud, Butler, Ambra. Enquanto que o último momento foi caracterizado pelas Análises de Discursos realizadas: (i) análise da entrevista; (ii) análise do livro.

O livro selecionado para análise foi a autobiografia do Ney Matogrosso, intitulada de “Vira-Lata de Raça” (MATOGROSSO & MELLO, 2018), uma vez que o seu conteúdo possibilitou trazer à tona as temáticas apresentadas na pesquisa em concordância com os objetivos delineados. Logo, tal livro foi central para a pesquisa, pois a partir de seu conteúdo foram feitas as interpretações para análise, juntamente ao depoimento do participante entrevistado.

A obra literária, portanto, retrata a história de vida do artista Ney Matogrosso, a qual é contada pelo próprio artista, caracterizando assim uma autobiografia. O livro foi formatado pelo poeta Ramon Nunes Mello, o qual ficou responsável pela pesquisa, interlocução e organização da obra. A escolha do título foi dada em função do constante reaparecimento da figura do cachorro na carreira de Ney, o qual foi significado pelo artista como símbolo de fidelidade à liberdade. Assim, o artista possui três músicas referenciais ao animal, sendo uma delas “Vira-lata de raça” (em “Vivo” e “Olhos de Farol”), a qual deu nome ao livro.

Ao longo da narrativa, o artista se debruça sobre sua história ao relatar vivências em sua infância, juventude e adolescência, enfatizando sua relação com o pai militar e as marcas consequentes dessa relação. Outrossim, percorre a construção de sua carreira artística e como ela foi se constituindo em paralelo a suas experiências pessoais, que perpassam as temáticas de gênero, sexualidade, morte e espiritualidade. Portanto, essa obra e a entrevista serão utilizadas como objetos de estudo centrais para a realização da pesquisa, com a finalidade de corroborar

com os objetivos propostos e ampliar os estudos que envolvam as temáticas selecionadas para análise.

4.4 Procedimentos de análise do material

A obra de Ney Matogrosso, assim como o discurso da entrevista, foi analisada a partir do método de análise de discurso, o qual, segundo Orlandi (2012, p. 15), “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. Assim, a interpretação dos ditos e “não-ditos” sinaliza um trabalho de extrema importância entre o simbólico e as relações de poder ao mostrar como a língua se materializa em texto, como também a profundidade do texto e os diferentes significados ali atribuídos (ORLANDI, 2015).

Para o método da “análise psicanalítica de discurso”, os procedimentos de análise empregados foram: (i) identificar os processos discursivos presentes no material de análise (os discursos que foram objeto da pesquisa), buscando reconhecer os índices e pistas dos processos de significação presentes no texto/discurso analisado; (ii) construir hipóteses sobre os “não-ditos” do objeto discursivo analisado, considerando que “há sempre no dizer um não-dizer necessário” (Orlandi, 2015, p. 81); (iii) localizar as posições subjetivas e os processos de produção de sentido que emergem das articulações entre os “ditos” e os “não-ditos”; (iv) analisar as posições subjetivas e os processos de produção de sentido à luz do referencial psicanalítico.

Importante ressaltar que tais procedimentos foram utilizados tanto para a análise da autobiografia selecionada, como para o depoimento apresentado na entrevista.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISES DOS DISCURSOS

Sempre tive um comportamento fora da curva
Ney Matogrosso.

E eu era tipo muito dissonante, era tipo uma figura muito
dissonante
Entrevistado.

As frases apresentadas foram relatadas pelos sujeitos da pesquisa, os quais produziram discursos que servirão como base para análise e interlocução com o tema da pesquisa. Suas falas possibilitaram uma análise do discurso e uma construção de eixos que nortearam a pesquisadora, são eles: (i) Complexo de Édipo e Identificação; (ii) A bissexualidade constitutiva; (iii) Identidade: uma perspectiva contemporânea.

Começamos, então, por Ney de Souza Pereira, mais conhecido como Ney Matogrosso. Atualmente se encontra com 78 anos, nascido em Bela Vista no Mato Grosso do Sul. Filho de militar, morou em diversas cidades durante sua infância e adolescência, dentre elas Mato Grosso, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, fato que atribui ser um dos motivos por um isolamento social e por uma dificuldade de estabelecer vínculos.

O artista possuía uma relação conturbada e ambígua com o seu pai e pouco fala da mãe em seu livro *Vira-Lata de Raça* (MATOGROSSO & MELLO, 2018), sendo ela uma mulher submissa ao marido, mas que enfrentava as turbulências entre eles, além de defender Ney quando presenciava as divergências entre pai e filho. O cantor relata seu pai como a maior autoridade já enfrentada por ele em sua vida, ao passo que o desafiava de todas as formas, pois representava em sua infância tudo aquilo que seu pai rechaçava, se sentindo reprimido e discriminado. Suas manifestações artísticas eram invisibilizadas pelo pai, assim como a sua voz fina e aguda, a qual foi tida como grande questão, pois mobilizou desde afetos relacionados a autoestima e autoimagem até episódios de homofobia e bullying.

Sendo o artista o segundo de cinco filhos, era chamado de “filho da mãe”, enquanto os seus outros dois irmãos e irmãs eram denominados os “filhos do pai”. Relata que o pai o tratava com um distanciamento, se referindo a ele pela via materna “teu filho”. O curioso do uso dessas expressões é que posteriormente o artista acabou por adotar o sobrenome do pai para compor seu nome artístico, a fim de simbolicamente resgatar algo que lhe foi negado pelo próprio pai, como dito pelo próprio Ney.

O cantor morou em diversas cidades, atribuindo o motivo das mudanças constantes ao pai militar. Diz ele: “meu pai era militar e se mudava constantemente – o motivo de ter me fechado no meu mundinho, sem interesse de estabelecer laços de amizade” (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p.23). Logo em seguida fala sobre como valoriza a quietude de seu canto e seu mundo, o que lhe permite “criar novos universos”. Interessante pensar nas ambiguidades e contradições presentes quando se refere à valorização da sua quietude e ao seu precioso valor: a liberdade.

A liberdade é um significante presente em toda a obra do cantor. Em alguns momentos aparece como sinônimo de transgressão, outro significante essencial em sua história. Ser livre pode ser analisado tanto como uma subversão das normas, como também um sinônimo de sinceridade e honestidade. O curioso é que o artista atribui o fato de ser transgressor à figura de seu pai, isto é, Ney se tornou uma pessoa transgressora pelo fato de o pai ser militar. Ele diz:

Acredito que só o fato de ser filho de militar já me fez transgressor (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 29).

Amo ser assim, amo ser quem sou. Escolhi não ter de conviver com as mentiras, mas ter a liberdade de me expressar como desejo. Sinto um enorme prazer de não ser um hipócrita, e muito menos ser submetido à hipocrisia. Eu nasci transgressor, vou morrer transgressor (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 199).

Tenho consciência do exercício de liberdade, vou morrer defendendo a liberdade, até o fim (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 200).

Importante enfatizar que o título da obra é *Vira-Lata de Raça: memórias* e que o nome diz respeito a uma música que possui exatamente o mesmo nome, presente nos álbuns “Vivo” (2000) e “Olhos de Farol” (1999). Ney possui três canções que envolvem a figura cachorro, são elas: “Vira-Lata de Raça”, “Cachorro vira-lata” e “A Balada do cachorro louco”, como se ele simbolizasse algo de extremo valor. O poeta e organizador da obra, Ramon Nunes Mello, hipotetiza a repetição dessa figura como “uma espécie de símbolo da fidelidade ao seu mais caro valor: liberdade” (MELLO, 2018, citado por, MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 12). Tal repetição me remeteu ao animal totêmico, aquele reverenciado e significado, como algo sagrado, mas ao mesmo tempo que simboliza a lei de todo o clã e dita algumas regras de acordo com suas características (FREUD, 1913/1999).

Tais falas expressam a sensação de liberdade por trás de uma máscara ou de um personagem, como se algo não lhe permitisse vivenciar a pessoa que era, o que pode significar uma representação da lei do pai. Nesse sentido, a simbolização do oculto, do esconderijo, podem representar um mecanismo de defesa de sua pessoa, de sua “identidade”, aquela lida como uma pessoa andrógina, uma criança problema sempre imersa em um dilema de opostos. Ainda nesse sentido, o artista diz:

Não queria ser reconhecido, então só permiti que me fotografassem sem maquiagem muito tempo depois, quando percebi que o público me reconhecia fora do palco, de olho nu (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 68).

Também pode se pensar em uma suposta ideia de proteção com o reconhecimento de sua pessoa para além do uso de uma máscara, de modo que, a olho nu, foi desmascarado, sob a nudez do olhar. Abrindo espaço para uma hipótese de um reconhecimento do olhar externo, aquele olhar, citado anteriormente que, de forma bem primitiva, a criança necessita para a comprovação de sua existência, o olhar do Outro (LACAN, 1949; DOR, 1989). Dessa forma, é a partir desse olhar que se reconhece como imagem, como imagem-corpo. Além disso, uma suposta vontade de não ser reconhecido junto a uma “postura de artista”, aquele que sobe no palco e se encontra à mercê, justamente do olhar, representando uma ambiguidade.

Não sou uma pessoa que chora por qualquer coisa, poucas vezes na minha vida chorei. Conto nos dedos esses momentos (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 95).

Sabe qual era o meu medo? De ser frágil diante do mundo. Sempre fui para o caminho que todos diziam que não devia ir, sou rebelde, contestador (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 163).

Mais uma vez, a representação da vulnerabilidade, da fragilidade diante do mundo, daquilo que na visão psicanalítica diz respeito à figura materna, representada como objeto-outro, e, sendo a identificação, por sua vez, direcionada à figura paterna, junto ao sentimento de amor e ódio na relação, a qual será melhor aprofundada no tópico (i) Complexo de Édipo e Identificação (MOREIRA, 2004).

Em seguida, na autobiografia analisada, Ney evidencia uma pessoa destaque: o cantor Cazuza. O artista seleciona um capítulo inteiro do livro para descrever a história do relacionamento desenvolvido por eles. Matogrosso relata que: “Antes do Cazuza, a única coisa que eu sabia oferecer a qualquer pessoa era meu corpo, puro sexo” (MATOGROSSO & MELLO,

2018, p. 137). Portanto, parece que esse relacionamento ocasionou diversas mudanças em Ney Matogrosso, mas principalmente na relação do cantor com o sexo, o qual dizia ser “escravo do sexo, ninfomaníaco” (p. 137). O artista diz: “como se fosse possível impor limites quando se trata de afeto” (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 135), o que parece ter despertado algo além das relações que Ney costumava ter em sua vida e, por esse motivo, dedicou um capítulo da obra à explanação da sua relação com o outro cantor, que faleceu em decorrência da AIDS.

Tratando-se ainda de sexualidade, o autor diz:

A censura na minha vida, desde cedo, esteve relacionada à sexualidade, essa velha hipocrisia que está engendrada em nossa sociedade (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 31).

Uma censura, direcionada à sexualidade e representada pelas vestimentas, pelas manifestações artísticas, pelos rebolados no palco, como também, pela sua voz. Com relação a sua voz, é dito:

Ainda criança, eu dizia que ia ser cantor, só abandonei esse desejo porque os meninos implicavam comigo pelo fato de minha voz ser muito aguda. Sofri por muito tempo essa violência psicológica que hoje chamamos de bullying (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 20).

Eu gostava mais de ouvir as mulheres, ficava enlouquecido com Carmen Miranda, por conta de seu canto, além daqueles figurinos coloridos e alegres e da performance exuberante – que me fascinou quando assisti no cinema (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 36).

É de extrema importância enfatizar a censura da voz, da fala. A voz de Ney Matogrosso, que se tornou cantor e tem como principal instrumento de trabalho a voz. Os desdobramentos de uma voz censurada parecem terem sido muitos na vida do artista, ao começar por uma identificação literal do tom agudo com a voz feminina. Quando diz “eu gostava de ouvir mais as mulheres”, logo me faz questionar o que havia na voz masculina que lhe fizesse ter uma preferência pela voz feminina. Qual seria o significado de uma voz masculina para Ney Matogrosso?

Pode ser que a voz masculina, fosse significada como o contrário da feminina, isto é, a voz feminina associada a tons agudos, e a voz masculina associada a tons graves. Também, pensou-se numa repressão, em decorrência do preconceito sofrido logo na infância, como se homens só pudessem ter tons graves na voz, e, mulheres, tons agudos. Nesse sentido, percebe-

se a rigidez das normas de gênero, como se houvesse padrões estabelecidos previamente para cada gênero.

A partir desse exemplo de preconceito explícito na fala de Ney, pelo qual foi possível estabelecer relações entre as características esperadas de um homem ou uma mulher (no exemplo, a voz fina ou a voz grave) e a identidade de gênero (homem ou mulher) é possível descrever um pouco da história de vida do participante entrevistado, o qual, ao longo da vida, buscou subverter os paradigmas de gênero.

O participante da pesquisa Carlos¹⁰, é um homem transexual, que possui vinte e três anos, residente da cidade de Brasília, ator, estudante de Direito e candomblecista. No que diz respeito a sua família, ele relata que foi criado por mãe e avós (avô e avó) maternos, tendo em vista que nunca conheceu o pai, apenas as histórias que lhe contaram sobre ele. Essas histórias caracterizam o pai como um estelionatário, que roubou objetos de valor pertencentes a casa da mãe do participante, o qual ainda não havia nascido na época do ocorrido. Em relação ao pai, Carlos diz:

Meu pai é uma figura muito controversa assim no geral. Eu nunca conheci ele e as histórias que eu sei dele, tipo que minha família me contou, foi contado só depois que eu era um pouco mais velho (PARTICIPANTE).

Meu pai é essa figura mitológica de um estelionatário que apareceu uma vez no globo repórter se passando por uma pessoa que ele não é, sacou? (PARTICIPANTE).

Essas falas, juntamente a uma vontade de processá-lo para que possa receber uma pensão financeira, foram os únicos momentos que Carlos fez referência ao pai. O fato de conhecer apenas histórias dessa pessoa, faz com que o participante o caracterize como um mito, já que não houve nenhum tipo de contato pessoal. Em relação a sua mãe, Carlos relata ser uma pessoa em que possui muita confiança, mas necessita de um distanciamento físico para se relacionarem de forma “saudável”. Então, ele descreve a mãe como “uma pessoa incrível e uma pessoa com muitos problemas”, a qual não possui Ensino Superior e é taróloga, o que foi motivo da família enxergá-la como “alguém que não deu certo”. Isto é, não seguiu os padrões sociais e financeiros, aparentemente, exigidos pela família, de ser uma pessoa formada em uma universidade e com um emprego decorrente dessa graduação.

¹⁰ Evidencia-se a utilização de um pseudônimo para a pesquisa, visando o sigilo das informações pessoais do participante.

Também, é importante dizer que a mãe possuiu diversos relacionamentos amorosos, considerados abusivos por Carlos, os quais apresentavam desde violências psicológicas a violências físicas, além de que ocasionaram em mudanças de cidade para São Paulo e Fortaleza. Esses relacionamentos são relevantes, pois foram significativos na vida do participante e na relação com sua mãe, que será aprofundada posteriormente. Por último, os avós maternos foram pessoas que sustentaram financeiramente, tanto Carlos, como a mãe. Neto de um coronel da aeronáutica, o avô pareceu ser uma figura importante, no que diz:

Meu avô tem uma lombra muito grande com família, muito grande. E aí eu não entendo muito bem a lombra dele e aí eu acho que tem a ver com o fato dele ser militar. (PARTICIPANTE)

Meu avô é uma pessoa assim, controversa, mas eu amo muito ele, ele é uma pessoa que eu admiro muito (PARTICIPANTE)

Porém, o avô ingeriu bebidas alcoólicas excessivamente durante um tempo, o que também foi significativo, pois a avó estabelecia horários para Carlos se comunicar com ele, visando protegê-lo da postura agressiva que o avô tinha após a ingestão de álcool. Então, segundo o participante, a avó parece ter se retraído frente aos comportamentos agressivos do marido, mesmo que fosse uma pessoa extrovertida e que direcionasse sua atenção à Carlos por meio de brincadeiras lúdicas e presentes materiais. Na mesma época em que se presenciava o alcoolismo do avô, o participante relata que ele, a mãe e a avó estavam com “depressão”, o que faz com que ele caracterize a dinâmica familiar como “muito esquisito”.

O álcool, assim como as drogas foram elementos muito presentes na vida de Carlos. Penso que como um meio que encontrou para lidar com os acontecimentos de sua vida, ou até mesmo como um mecanismo de fuga. Sobre o uso de drogas, ele diz:

Eu não pensava antes de agir, eu tava tipo agindo, eu queria sentir coisas, sabe? Por que, dentro de casa com a minha família o “bagulho” (situação) sempre tava muito louco, tipo vei meu avô e minha avó sem entender muito bem o que tava acontecendo e como eles cuidaram de mim um tempo, meu avô ficou apegado em mim em outro lugar, sacou? Minha mãe tava em fortaleza e quando ela voltou, rolava umas brigas tipo muito intensas, saca? E aí, todo mundo com depressão, meu avô bebendo muito e esses rolês. (PARTICIPANTE)

A seguinte frase: “eu não pensava antes de agir, eu tava tipo agindo, eu queria sentir coisas, sabe?” (PARTICIPANTE), é muito importante na história de Carlos, pois o uso de drogas com o objetivo de sentir algo, implica em pensar que sem elas, não existiam sentimentos. Também se evidencia que, o uso de drogas, na maioria das vezes, era acompanhado de vivências

sexuais, as quais foram muito intensas na vida do participante, como pode se perceber na fala a seguir:

Eu preciso beber pra chegar nesse cara e aí eu virei duas doses de whisky (PARTICIPANTE)

Eu comprei uma garrafa de vodka e eu acho que é porque eu sabia que tipo assim vei, ia rolar um “move” de qualquer forma, sabe? E eu falei “Ah eu vou fazer isso doido e vai ser incrível”. (PARTICIPANTE)

Em relação a essas experiências sexuais, o entrevistado relata que possuía “medo de intimidade” e, portanto, ao mesmo tempo que se envolvia sexualmente em busca de prazer e afeto, quando se percebia desenvolvendo um sentimento afetivo por uma pessoa ou vice-versa, ele encerrava o relacionamento. Evidencia-se o afeto como um significante importante na vida do entrevistado, sendo o afeto, um elemento que permeou o seu contexto familiar e social. No ambiente familiar, Carlos relata uma falta de afeto direcionada ao núcleo familiar (mãe, avô e avó), porém descreve uma ambiguidade quando esse afeto diz respeito somente a mãe. Essa ambiguidade, será aprofundada posteriormente no tópico complexo de Édipo e Identificação.

No contexto social, o afeto foi significado e percebido de diferentes formas, tanto quando era visto como mulher e, atualmente, como homem trans. Quer dizer, como mulher o afeto era pressuposto como “parte” do estereótipo de feminilidade e como homem trans, não há afeto, pois pressupõe-se que homens não podem demonstrar afeto, assim como incita a masculinidade hegemônica, discutida anteriormente. (KIMMEL, 1998). Além disso, o significante afeto, pode ser sinônimo de toque na visão de Carlos, ele diz:

Eu não me sinto tocado, tipo uma das paradas que me bateu muito forte nos últimos meses, é que tipo assim, eu tava convivendo muito intensamente com pessoas, sabe? Quanto na peça, quanto fora da peça [peça de teatro], em vários núcleos diferentes, mas eu tava me sentindo muito sozinho. (PARTICIPANTE)

Relata perceber diferenças relacionadas a forma que recebe o toque físico, e, entende-se por toque físico, abraços e gestos. No sentido de que, como homem trans o toque não é algo presente em seu cotidiano como era, quando visto como mulher. Também, relata perceber diferenças na forma como toca as pessoas, sendo essa forma caracterizada por um distanciamento, apesar de se considerar uma pessoa afetiva. Então, ao falar sobre essas diferenças percebidas como mulher e como homem transexual, é relevante explicitar que Carlos, se identificou como homem transexual há um ano e meio atrás. Primeiramente, se denominando como uma pessoa

não-binária e posteriormente, após um ritual religioso cultuado na Ayahuasca chamado de “sagrado feminino”, no qual foram exploradas questões de amor próprio e afetividade, disse ter “ironicamente” se descoberto um homem trans. Atualmente, realiza tratamento hormonal há nove meses, isto é, realiza aplicações de testosterona a cada 21 dias.

Carlos obteve algumas alterações corporais como, por exemplo, o engrossamento da voz, a presença de pelos no rosto, aceleração metabólica e um ganho muscular. Tais mudanças, são atribuídas pelo entrevistado como a presença de “traços mais masculinos”, assim como o tratamento hormonal é concebido por ele, como um “processo de facilitação” direcionado ao modo pelo qual se identifica e é visto pela sociedade.

Outrossim, Carlos obteve diversas experiências sexuais, tanto com homens, como com mulheres e relata que a maioria das pessoas com as quais se relacionou eram andrógenas. Nesse sentido, a orientação sexual do entrevistado é autodenominada bissexual, visando interessar-se por ambos os gêneros. A fim de explicitar as implicações dessas relações, assim como as formas de subjetivação de Carlos no que concerne a sua sexualidade, essas questões serão aprofundadas no tópico 5.2 Bissexualidade constitutiva e homossexualidade.

Após essa breve apresentação descritiva, tanto do entrevistado como da autobiografia de Ney Matogrosso, apresenta-se uma análise dos discursos a fim de corroborar com os objetivos estabelecidos, além de aprofundar algumas questões expostas na história de vida dos artistas. Para isso, foi feita uma separação entre as análises do livro escolhido e o participante. Assim, relembremos os eixos de análise estabelecidos: (i) complexo de Édipo e Identificação, (ii) A bissexualidade constitutiva e (iii) Identidades: uma perspectiva contemporânea.

5.1 Complexo de Édipo e Identificação

Ney Matogrosso

Um dos traços mais marcantes do discurso do Ney Matogrosso em *Vira-Lata de Raça: memórias* diz respeito às suas relações com os pais, com o corpo e com a sexualidade. Nesse sentido, parece-nos pertinente tentar analisar algumas passagens nas quais podemos reconhecer importantes processos psicossociais. No que se refere a relação de Ney com o seu pai, diz o artista:

A maior autoridade que enfrentei na minha vida foi Antonio Matogrosso Pereira [pai] (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 19).

Minha relação com meu pai foi muito conturbada desde a infância, não somente a partir da adolescência: eu odiava meu pai, meu pai me odiava. Desenvolvi um ódio muito grande por ele, desejava que morresse: ‘Que esse filho da puta morra!’. Verdadeiramente, eu pensava assim e não sentia remorso ou culpa, pois era sentimento natural em mim (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 20-22).

Acredito que só o fato de ser filho de militar já me fez transgressor. Meu pai não me deixava mexer na vitrola, com receio que eu quebrasse os discos (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 28).

Costumo dizer que meu pai foi a figura mais importante da minha vida, graças a ele sou a pessoa que eu sou (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 42).

É possível perceber a intensa relação que Ney possuía com o seu pai, de forma bastante interessante seu pai parece representar a personificação da figura paterna simbolizada na visão psicanalítica. A função paterna representada pela autoritarismo e irredutibilidade do próprio pai, considerado como a maior autoridade. Desse modo, a relação parecia representar um embate, uma espécie de disputa, a qual exigia uma constante postura de enfrentamento e armação por parte de Ney em relação a Antonio.

O artista quase não fala de sua mãe no livro, apenas quando se refere ao momento do seu nascimento e posteriormente quando relata discussões que tinha com o seu pai e que a mãe o defendia. Por isso, é possível pensar em uma mãe que é descartada, mas se mantém no inconsciente como outro-objeto (MOREIRA, 2004), além de uma identificação narcísica com o pai, a qual retrata bem a ambivalência, quando expressa o desejo de morte pela via do ódio, ao mesmo tempo que expressa uma gratificação por torná-lo a pessoa que é. É nítida a escolha do pai como objeto de catexia libidinal pois, no momento de sua morte, Ney se vê no próprio pai, e, então ocorre a identificação, assim como o deslocamento da libido para o ego. Diz o cantor:

O mais curioso nessa história toda é que eu nunca me achei parecido com o meu pai, mas quando ele morreu, e olhei para o corpo dele no caixão, me vi. Éramos iguais. (...). Após a morte dele passei a senti-lo ainda mais próximo (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 43).

Ademais, há uma ambiguidade na fala ao relatar que desenvolveu um ódio e posteriormente referir-se ao próprio ódio como um sentimento natural. O desejo da morte do pai seguido de uma suposta falta de culpa e remorso, que representam exatamente a ambivalência da relação com a figura paterna. Quer dizer, um ódio e um amor, um desejo de morte e uma identificação narcísica.

Sobre essa dubiedade de sentimentos, o artista passou por uma experiência relevante no que concerne ao complexo de Édipo. No ano de 1984, Matogrosso realizou uma espécie de terapia com o método Fischer Hoffman, que teve uma duração de três meses, sob a avaliação de seis terapeutas. Nesse processo, foi pedida uma lista com defeitos dos pais e posteriormente, após avaliação, um espancamento de pneus e colchonetes, a fim de liberar sentimentos reprimidos. As falas a seguir dizem respeito a esse método:

Meus sentimentos eu não liberava, por traumas de pai e mãe existia uma couraça de chumbo bloqueando meu peito (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 137).

Na minha primeira visão com o Daime, me vi no portão da minha casa, aos 13-14 anos.... Dizendo para o Universo: “Não preciso de amor de pai! Não preciso de amor de mãe! Quero que o mundo se foda!” (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 163).

Com o Daime, consegui exorcizar esse sentimento ruim em relação ao meu pai (...). (...). Passei a compreender que era necessário olhar para o menino de 14 anos que queria o amor dos pais, para não me fechar para o amor. (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 163).

A “couraça” representando uma armadura e o chumbo como algo extremamente denso e pesado, ambos direcionados a um trauma ou a experiências traumáticas relacionadas às figuras paterna e materna. O “bloqueio no peito”, esse que tampona o coração, simbólico do amor e logo depois um sentimento de rejeição, como se não se sentisse amado pelos pais e pudesse viver sozinho. Todos esses sentimentos se encaminhando para uma morte simbólica do pai, de modo que apenas com o exorcismo dessa figura paterna fosse possível ver algo além. Então, ele ainda realiza uma consideração sobre o processo: “a intenção era matar’ papai e mamãe, para que se pudesse conhecer quem de fato é. O princípio do Fischer Hoffman é: não somos o que somos, mas sim resultado do que nossos pais desejavam” (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 165).

A visão que Ney tinha do ambiente familiar parecia perpassar um ambiente violento, psicologicamente dizendo. Nesse sentido, diz o artista:

“O meu pai, sempre moralista com a mulher e com os filhos. Hoje não guardo rancor, perdoei meu pai. Mas a tirania dele era tão intensa que, quando saía de casa, imaginava que alguém iria chegar a qualquer momento dizendo que ele havia morrido” (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 166).

Logo em seguida pode-se notar concretamente a ambivalência, citada anteriormente, a relação de amor e ódio. Pode ser uma expressão do desejo de que o pai morresse, e ao mesmo tempo o medo de que isso acontecesse. Por mais que ele contestasse, parece se tratar de um ideal do Eu para Ney, assim como a presença desse pai que faz surgir a transgressão e o desejo de liberdade. Nesse sentido, o pai não é um obstáculo a liberdade, mas, em certo sentido, aquilo que a torna possível.

Também sob uma lei tamanha, foi necessário certificar-se da presença de um olhar, o que me faz refletir acerca da história de vida desse pai, que talvez não tenha recebido gestos de afeto e que, na época, a cultura e a sociedade reforçavam padrões rígidos direcionados para cada gênero, especificamente. Ney relata que:

Eu me lembro como se fosse hoje, o espanto do meu pai quando lhe beijei no rosto. Ele olhava ao redor, para se certificar de que ninguém havia presenciado aquela cena de um homem beijando o outro no rosto. A partir desse episódio, passamos a nos tratar com amizade, ele passou a me respeitar. Fui o único, entre meus irmãos homens, a beijar meu pai (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 42).

Então, o pai aparece como objeto de amor, quando diz:

Nosso amor se expressava nos pequenos atos, como, por exemplo, ir até uma sorveteria para buscar o sorvete preferido dele. Costumo afirmar que eu dei sorte de ter nascido filho de militar, porque isso já me colocou como transgressor. A questão da sexualidade era um fantasma do meu pai, não meu (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 43).

A sorte, ali, como uma espécie de reverência ao pai por ter tornado ele quem ele é, assim como a partir da ideia de identificação narcísica, uma espécie de autogratiificação. (MOREIRA, 2004). Além disso, a sexualidade como um fantasma do pai, o que indica primeiramente uma terceirização, no sentido de que a sexualidade não dizia respeito a ele, assim como a referência a um fantasma, algo que se manifesta, porém, que não diz respeito à matéria. A sexualidade como representativa de algo além, talvez mais profunda e simbolizada como um fantasma.

Também relata sua saída de casa, ao falar sobre uma possível fantasia de que ele seria o motivo de separação dos pais, em termos lacanianos, de que ele seria causa do desejo dos pais; no meio daquele ambiente conflituoso, ele seria o ponto central dos atritos vivenciados,

como a clássica representação edípica de que ele não seria o objeto de amor de sua mãe, além de não-possuidor do falo, mas o pai ocupando esse lugar. O cantor, por sua vez, fala que:

A saída de casa representou, além de minha liberdade, o fim de um conflito com o meu pai. Foi a forma que encontrei para estabelecer a paz, me afastar da minha família e seguir com a minha vida. Se eu ficasse lá, com meu pai e minha mãe, eles iriam acabar se separando. Minha mãe queria me defender, apesar de sempre ter ficado ao lado do meu pai, no fim das contas (MATO-GROSSO & MELLO, 2018, p. 37).

Em consonância com a ideia anterior, o artista reforça a formulação edípica, ao dizer que a mãe o defendia, mas na verdade defendia mais o pai, ou seja, amava mais o pai do que a ele. Por conseguinte, algumas formas de subjetivação de Ney puderam ser analisadas, a partir da análise de discurso, tencionando falas do artista articuladas aos conceitos teóricos desenvolvidos.

Participante Carlos

Em continuidade com a discussão, serão apresentadas algumas análises do discurso de Carlos, ressaltando que cada indivíduo é único, logo outras perspectivas serão apresentadas. Então, é importante enfatizar o contexto familiar do entrevistado, visto que algumas análises puderam ser realizadas. Acerca da família, Carlos diz:

Eu cresci com a minha família sendo a minha mãe e os meus avós por parte de mãe. (...). E aí é isso, eu cresci com a minha mãe e com os meus avós assim (PARTICIPANTE).

Eu fico imaginando a minha dinâmica com a minha mãe e é isso, ela é uma das pessoas com quem eu mais confio no mundo, entretanto uma das pessoas que eu preciso de um certo distanciamento pra ser saudável, saca? (PARTICIPANTE).

Eu dormia com a minha mãe com 11,12 anos. E aí eu comecei a crescer, eu comecei a entrar na puberdade pesado assim, saca? (PARTICIPANTE).

Eu fui uma criança que largou muito tarde mamadeira e bico, eu usava bico escondido. Eu era velho demais pra usar bico. Até 10 anos (PARTICIPANTE).

Tais falas me remetem ao que Moreira (2004) diz sobre a possibilidade de inicialmente, haver um espelhamento narcísico na mãe, escolhida como objeto de investimento libidinal. É possível perceber a ambivalência relacional com a mãe quando o participante fala de uma confiança acompanhada de um distanciamento certo. Pensou-se sobre a certeza por trás desse distanciamento, como uma necessidade para a possibilidade de um estabelecimento relacional.

Ainda sobre o ambiente familiar, o participante diz:

E isso é interessante pra mim assumir que, vei, meu pai é essa figura mitológica de um estelionatário que apareceu uma vez no globo repórter se passando por uma pessoa que ele não é sacou? E é isso, é isso (PARTICIPANTE).

Me disseram que meu avô era meu pai, durante muito tempo na minha vida, né? Porque ele me criou, mas ele é meu avô, sabe? (PARTICIPANTE).

Acho difícil relações paternas [referência ao seu “pai de santo” do terreiro que frequenta], sabe? (PARTICIPANTE).

Meu avô é militar, meu avô é coronel da aeronáutica (PARTICIPANTE).

Retoma-se aqui, que o entrevistado Carlos, por sua vez, nunca teve contato com o pai. A impressão de um pai ali, como uma figura mitológica, como um mito, algo que não existe e que há um conhecimento dele por diversas histórias contadas, assim como quando diz acerca de sua dificuldade com relações paternas. Essa fala, dizia respeito a uma dificuldade de convivência com o seu “pai de santo”, um dos coordenadores do terreiro de candomblé que frequentava. Nesse sentido, descrevia esse pai como autoritário e abusivo com a coordenadora espiritual do mesmo terreiro.

O que me remete a, talvez, um revivenciamento da situação familiar, no que diz respeito a uma mãe que viveu situações de submissão e subordinação, assim como o avô alcoólatra que também exercia sua autoridade não só a partir de violências psicológicas, como físicas também, dirigidas tanto ao participante como à avó. Apesar de que parece que existe a necessidade de algo dentro desse simbolismo da lei a ser resgatado, pois o participante também diz:

O departamento de artes cênicas é tipo assim, incrível, tem coisas incríveis, mas ao mesmo tempo não foi um lugar que eu consegui desenvolver tudo aqui que eu queria desenvolver. Eu fiquei quatro semestres e depois eu saí e agora tô na UDF cursando direito (PARTICIPANTE).

E aí, nesse ritual [ritual religioso cultuado na ayuasca] de sagrado feminino, eu consegui trabalhar essas coisas [autoamor e autoafeto] e, ironicamente, eu também me descobri um homem trans (PARTICIPANTE).

Então, é possível pensar o campo das artes cênicas como uma área que, em alguma medida, não foi suficiente para desenvolver o que desejava; algo que posteriormente pareceu estar em processo de desenvolvimento, no ambiente do direito, no curso do direito, da lei e da autoridade. Assim como, que a partir de um ritual religioso, que tinha como objetivos adentrar em questões que diziam respeito à feminilidade, emergiu-se o contrário.

Essas contrariedades vão de encontro à ideia elaborada por Lagoas (2016), em que não é sobre ignorar a percepção do “eu”, mas reconhecer que é a partir dela que se abrem lacunas para as subversões derivadas dela. Nesse sentido, foi a partir de uma percepção que o participante tinha dele, perpassada pelas introjeções do Outro, que deu vazão para uma subversão do significante mulher, o que ocasionou em uma abertura para uma nova percepção do “eu”, um “eu” relacionado ao masculino. Acerca da subversão de gênero, Carlos diz:

Tem uma parte de mim que fica “lombrando”, será se gênero... Será se de fato eu tinha nascido uma menina e aquela menina morreu? E aí aqui estou (PARTICIPANTE).

Eu era uma pessoinha muito andrógina. Eu andava com roupa masculina de forma masculina, bonezinho, eu andava com os meninos (PARTICIPANTE).

Essa fala, que pode representar uma morte simbólica dessa mulher, foi a respeito de um acidente, o qual, em um clube, o seu cabelo ficou preso na bomba de ar do tobogã, o que ocasionou em uma parada cardíaca. Uma experiência de quase-morte associada a uma morte simbólica da mulher. Isto quer dizer, que o participante atribuiu um início de transição de gênero, aos 8 anos, associando esse episódio ao que se reconhece hoje, um homem trans.

É curiosa, inclusive, a expressão “homem transexual”, que no senso comum se utiliza como homem trans. Um homem que parece estar sempre em transição, transicionando para vir a ser um homem e, afinal, o que é um homem? Pergunta título de uma obra de Pedro Ambra (2015). Sobre esse assunto, o participante diz:

Me enxerga como um homem, me trata como seu amigo, me trata, vei, da mesma forma como você trata seus amigos? (PARTICIPANTE).

As pessoas antes me viam como menino ou uma coisa meio sem gênero, mas podia colar com a gente pra jogar futebol, sacou? Essas paradas assim. “Pra”, nossa, isso tem uma buceta. (PARTICIPANTE).

As falas do participante retratam, de alguma forma, um desejo inicial de antes da transição ser visto como um homem, além de se referir a si próprio como “isso”. “Isso” tem uma buceta, ao dizer sobre a impressão que tinha do que as pessoas pensavam dele. Pensou-se em uma hipótese para essa fala relacionada ao eu desfacelado do estádio do espelho, em que a realidade e a imagem não são bem definidas, há uma dissonância figurativa (DOR, 1989); pois, isso, essa coisa que tem buceta, não converge com a ideia de um eu masculino que é autorizado a jogar futebol.

5.2 A bissexualidade constitutiva

A concepção de orientação sexual bissexual e o conceito de bissexualidade constitutiva de Freud ocasionaram em análises significativas para a pesquisa. Acerca dessa tema, os artistas dizem:

Eu transo com homens, sim. Mas já transei com muitas mulheres (MATOGROSSO&MELLO, 2018, p. 148).

Porque eu gosto muito de ficar com meninas, mas eu gosto muito de ficar com meninos e eu tenho preferido ficar com meninos. (PARTICIPANTE).

Uma possível análise das falas selecionadas de acordo com a teoria da bissexualidade constitutiva seria de que, primeiramente, segundo Jorge (2005), a bissexualidade é psicológica e não-biológica. Também, na fala de Ney, ele utiliza uma conjunção adversativa que, apesar de expressar as duas correntes libidinais, citadas no capítulo dois (p. 32) da presente pesquisa, também diz respeito a uma homossexualidade manifesta em função de uma heterossexualidade latente. Assim como, na fala do entrevistado, ele apresenta a dupla atração, expressando a preferência de se relacionar com homens, reforçando a ideia de uma homossexualidade manifesta, segundo a teoria.

Nesse sentido, Freud (1908/1996) considera que além da ideia de uma homossexualidade manifesta ou latente, a bissexualidade pode se manifestar também pela masturbação. Ele considera que o ato masturbatório, é composto por duas partes, sendo uma delas a evocação de uma fantasia e a outra parte o comportamento ativo, assim como um desejo de ocupar uma posição masculina e outra feminina, simultaneamente. Nesse sentido, o cantor diz:

Passei um ano inteiro na punheta, exercitando diariamente o que havia aprendido, conhecendo meu corpo com prazer. Os adultos diziam que quem se masturbava ficava tuberculoso e o cabelo crescia na mão; adoram colocar culpa e medo nas crianças. Mas eu não ligava para essas ameaças, sabia que eram uma bobagem (MATOGROSSO&MELLO, 2018 p. 23).

Então, o exercício da masturbação pode expressar o comportamento ativo, visando um autoconhecimento de seu corpo. Também, pode-se notar uma transgressão à ameaça à castração, quando é significado por ele um sentido “ruim” da masturbação por parte da fala dos adultos. Posteriormente, os artistas falam sobre os rótulos e categorias sexuais ao dizerem:

Não me enquadro em nada, mas ainda insistem em me rotular. Já transei com muitas mulheres e com muitos homens, sou livre “pra” me relacionar com quem eu quiser. Sou uma pessoa muito sexualizada e manifesto a minha sexualidade da maneira que o momento permita. Sei que sou rotulado como homossexual, mas são as pessoas que me categorizam assim, não me rotulo dessa

maneira e nem entendo que eu tenha que ser de alguma maneira só porque as pessoas acham isso sobre mim (MATOGROSSO & MELLO, 2018 p. 147).

Homossexual, heterossexual, isso tudo é uma bobagem. Somos livres. Me rotulam porque eu admito que transo com homens, mas não tenho por que esconder nada (MATOGROSSO&MELLO, 2018, p. 147).

Cara, eu sou bem bissexual. Eu sou bastante bissexual, só que gênero e sexualidade, né? São coisas flutuantes. Eu acho que eu gosto muito de meninos, levando em consideração que, tipo assim, veí, nenhuma das pessoas que eu namorei é cis. Todos trans masculinos (PARTICIPANTE).

Mais uma vez a liberdade aparece como algo a fim de reforçar a impossibilidade da não existência de rótulos em uma sociedade prioritariamente categórica. Parece que quanto mais categorias externas, menos o reconhecimento de Ney em pelo menos parte delas, no sentido de que, a partir do que o outro diz dele, haja “motivo” para ele não se definir por tais falas. Acontece que nessa fala é reafirmada a ambiguidade presente nos processos identificatórios, no sentido de que é necessário o olhar do Outro para o reconhecimento do eu como imagem-corpo; é necessário se passar por essa alienação constituinte para que depois possa se desfazer.

Retornando ao tema da bissexualidade, o artista novamente fala sobre a transitoriedade de relações sexuais tanto com homens tanto com mulheres, assim se refere como uma bobagem a existência nominal da homossexualidade e da heterossexualidade. Nesse sentido, percebe-se uma não nomeação de orientações sexuais, como também várias referências ao fato de já ter transado com homens e mulheres e em nenhum momento se fala acerca de uma possível bissexualidade. Ao contrário do participante, que apesar de se identificar com a orientação bissexual, apresenta um cenário diferente, pois reforça a ideia de um maior interesse por homens, mas também fala sobre as diversas relações com pessoas trans, ou seja, que teve vivências que dizem respeito ao masculino e ao feminino. O que me faz pensar acerca de um recalque inconsciente da escolha objetual mulher ou uma possível rejeição ao feminino, pois dizem:

Nesse momento, não transo mais com mulher, pois inevitavelmente a relação comigo virava um romance. Não quero viver um romance, muito menos quero me relacionar para virar casamento. E com mulher é impossível você escapar disso. Pelo menos era assim que funcionava comigo, todas elas queriam casar. Até as mulheres mais loucas que eu conheci, as mais liberadas, elas queriam se casar (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 148-149).

Eu me deixava ser mais leve com ela. E aí, eu me abria mais com ela, sabe? Com boy eu sempre sentia que eu “tava” em uma postura de embate, o tempo inteiro... (PARTICIPANTE).

O feminino simbolizando uma espécie de romance, que logo é associado ao casamento, algo que lhe prende e é contrário a concepção de liberdade significada por Ney, porém, mais do que isso, a presença de uma escolha objetual que vai de encontro a uma oposição, não necessariamente conflituosa, uma sexualidade que é capaz de conciliar opostos (JORGE, 2005). Também, pode-se pensar na fala que faz referência ao casamento, como uma transferência da relação com sua mãe para as mulheres com as quais se relacionava, de forma que o artista, como causa de desejo da mãe, representasse o falo.

Concomitante a explícita fala por parte do entrevistado a uma postura de embate e de competição no que se refere a relacionamentos gays, é possível pensar por trás dessa fala em algo que fazia parte da representação de uma relação lésbica e que causava repulsa. Importante enfatizar que, na época que estava sendo vivenciada a relação, o participante ainda não se reconhecia como uma pessoa transexual, mas já vivia conflitos relacionados a sua identidade de gênero, ao dizer logo em seguida que: “eu tava me entendendo num critério de sexualidade e gênero que eu tava tipo assim ‘eu não sei o que que tá acontecendo’, sabe? ”.

O significante liberdade, relacionado à sexualidade e a outros diversos âmbitos na obra de Ney, retorna constantemente. Porém, nos atentemos à fala:

Compreendi que somos seres livres e podemos transar com quem quisermos – seja homem ou mulher. Mulher com mulher, homem com homem – e não precisa virar nada (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 148).

Ou seja, Ney acredita que para se relacionar com homem ou mulher, não é preciso estabelecer ou modificar uma orientação específica, não há necessidade de uma mudança de rótulo. Portanto, evidencia-se que, como dito por Cecarelli (2008), a homossexualidade pode ser legitimada tanto quanto a heterossexualidade em uma perspectiva psicanalítica.

Ademais, é relevante o aparecimento das representações do masculino e do feminino como fronteiras, segundo Matogrosso:

O que me interessou, e me interessa até hoje, era justamente borrar essas fronteiras do masculino e feminino (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 152).

Interessante pensar em borrar as fronteiras, não é fazê-las desaparecer, mas sim uma espécie de mancha, de algo fundido, que se mistura. A mancha é algo que não se consegue ver direito, não consegue se definir algo ou rotular e categorizar, talvez esse borrado possa se aproximar um pouco mais acerca do significado de liberdade. Nesse sentido, o participante também relata que:

(...). Sobre manipular o que significa gênero, porque quando a gente pensa em uma abolição de gênero, faz sentido, mas faz sentido até certo ponto também, saca? (PARTICIPANTE).

A manipulação também pode ser vista em um sentido de dar forma, a manipulação no que diz respeito a um manejo desse significante e que se apresenta uma dificuldade de entender para além de um binarismo de gênero, ou seja, fora daquilo que se conhece por feminino e masculino. Percebe-se uma semelhança nas falas, no que Ney fala sobre uma mancha na fronteira de gênero e o participante pensa em sentido limitado para uma abolição, de modo que pode ser que os dois tenham encontrado limites para tais reflexões. O que me faz questionar: até que ponto faz sentido pensar em uma abolição de gênero? É possível pensar em uma sociedade “a-gênera” e/ou assexual? Ney Matogrosso fala sobre uma crença que subverte a lei do pai e diz:

Isso é um pensamento anárquico, mas é no que acredito. Um universo onde a sexualidade não seja uma questão (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 155).

Por último, mas não menos importante, o cantor fala:

Desde a minha infância eu sabia que era uma criança diferente, só não sabia o que era. (...) o grande problema com o meu pai era esse, ele percebia que eu era um menino diferente. (...) aquela diferença teria a ver com a atração por pessoas do mesmo sexo (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 150).

É possível notar a diferença percebida como algo que fizesse referência a sua sexualidade e, portanto, sublinha-se a expressão de um dos pontos centrais da teoria da bissexualidade, discutido anteriormente. Sendo ele, o atestamento de uma diferença pura no psiquismo, no sentido de que não é sobre uma prevalência do masculino ao feminino, mas sim uma diferença pura que, quando significada pelo sujeito de tal forma, tem como consequência diversas formas de subjetivação.

5.3 Identidades: uma perspectiva contemporânea

Para que se possa complementar as análises realizadas, esse eixo tem o objetivo de, a partir de uma visão social e antropológica, explorar outras formas de identificação e subjetivação, no que se refere ao gênero e à sexualidade.

Ney Matogrosso

Algumas afirmações de Ney Matogrosso têm muito a contribuir para esse tópico, são elas:

Sou uma pessoa muito sexualizada e manifesto a minha sexualidade da maneira que o momento permita (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 147).

Sou a favor da diversidade e das liberdades, não de rótulos (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 148).

Eles queriam um homem cantando no registro agudo como o meu. As pessoas ouviam no rádio e ficavam em dúvida: é um homem ou uma mulher? Quando me viam no palco, maquiado, com bigode e uma grinalda na cabeça, requebrando como um ser híbrido, ficavam ainda mais confusas (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 65).

O interessante dessas falas é que, em nenhum momento do livro o cantor se afirma como homossexual, mas diversas vezes há uma auto-afirmação como homem, exercendo uma separação nítida entre identidade de gênero e orientação sexual. Assim, ele relata que teve relações tanto com homens, como mulheres, também se diz uma pessoa sexualizada, mas que as pessoas o rotulam como homossexual pelo fato dele admitir que possui relações sexuais com homem. Como visto em outras falas, ele diz que rótulos são besteira e que é a favor da diversidade, o que me faz questionar: o que há por trás de dizer que é homossexual?

Abre espaço para uma reflexão de diferentes lugares do jogo de afirmações e negações, ao pensar no que implica se afirmar homossexual, heterossexual, bissexual etc e no que implica se afirmar homem ou mulher, transexual ou não-binário. Na perspectiva sociológica, todas essas auto-afirmações fazem parte de uma construção da identidade, de um “eu” dinâmico e que está em constante formação e transformação (HALL, 2006).

Entretanto, penso se a auto-afirmação como homossexual para Ney Matogrosso não perpassa um lugar que dizia respeito à negação do pai em relação a sua sexualidade. Além de que, pensar em atribuir a forma que se vestia, o gosto pelo rebolado e as maquiagens exuberantes a uma questão de orientação sexual não parecia ser suficiente para o artista, e então emerge o termo “transgressor” acompanhado da liberdade e da diversidade.

Sou um homem livre, resultado de um pai extremamente opressor, então eu tive de lutar pela minha liberdade (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 149).

Amo ser assim, amo ser quem sou. Escolhi não ter de conviver com as mentiras, mas ter a liberdade de me expressar como desejo. Sinto um enorme prazer de não ser um hipócrita, e muito menos ser submetido a hipocrisia. Eu nasci transgressor, vou morrer transgressor. (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 199).

Também, quando diz sobre um ser híbrido, anteriormente, ao questionar sobre ser um homem ou ser uma mulher, pensou-se em perguntas muito válidas para a época, em que se tinha padrões de gênero muito rígidos, pois como pensar em um homem com uma voz aguda? Isso não dizia respeito ao estereótipo da masculinidade hegemônica, ou seja, isso não fazia parte da identidade homem.

O tempo sou eu. Eu sou. Esse tempo contado, fragmentado, não existe, nós é que o inventamos. (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 189).

Eu sou esse corpo, eu o ocupo, e cuido dele (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 192).

Nessa época me descobri como ser humano (...) (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 49).

Sou um personagem criado por mim mesmo. (MATOGROSSO & MELLO, 2018, p. 96).

Pensar nessa fluidez de afirmações e negações presente em toda obra e nessa comparação curiosa, de um sujeito que não existe, um sujeito contado e fragmentado. Esse sujeito que é contado pelos outros, esse artista famoso e que sempre está sob o olhar do público e do Outro, que é fragmentado em vários intervalos, assim como o tempo, inventado por ele mesmo, igualmente ao personagem que decidiu se tornar. Esse sujeito, portanto, que ocupa um corpo, mas que talvez não passe de uma criação imaginária e que em algumas vezes se descobre ali como um ser humano.

As identidades de gênero e as orientações sexuais fazem parte desse jogo da linguagem entre afirmações e negações, assim como de construções históricas, sociais e culturais. Nesse sentido, é possível perceber que a repetição dos significantes liberdade e transgressão na obra literária dizem respeito a um sujeito que está sempre em transformação, assim como a ideia de identidade para Hall (2006), uma permanente abertura da estrutura identitária. Isso significa que, ao longo dos 78 anos do artista, ele se afirmou e se negou diversas vezes, mudando e transformando sua identidade de acordo com as suas vivências e experiências.

Além disso, é importante dizer que a fluidez das identidades de gênero na contemporaneidade são percebidas com uma ampla diversidade de possibilidades. Ou seja, a masculinidade e a feminilidade perpassam variadas formas de subjetivação, que são construídas de acordo

com a vivência e experiência única de cada um/a. (MADUREIRA & BRANCO, 2007). Portanto, pode se dizer que Ney Matogrosso pode ter sido uma figura de extrema importância para a abertura de novas perspectivas acerca das novas identidades de gênero e orientações sexuais da contemporaneidade.

Participante Carlos

Nesse sentido, as falas do participante da pesquisa reforçam algumas dessas ideias trabalhadas no estudo, além de acrescentarem algumas considerações:

E aí, sei lá, ela se declarava sapatão, então eu me declarei sapatão, porque sapatão passou a ser uma identidade de gênero dentro desse contexto (PARTICIPANTE).

Essa fala diz sobre a confusão que em alguns contextos e que, inclusive no senso comum, pode se ter sobre as identidades de gênero e as orientações sexuais, tendo em vista que sexualidade e gênero são temas que se perpassam e se relacionam diretamente, apesar de retratarem significados diferentes. Na fala do participante, ele se referia a um relacionamento homoafetivo que vivenciou e que pelo simples fato de estar se relacionando com uma mulher na época, se definiu como lésbica. Acontece que a nomenclatura “sapatão” é muito curiosa pois, ao referir-se à orientação sexual homoafetiva entre mulheres, refere-se de uma forma pejorativa, sapatão. Tal fala pode refletir os atravessamentos e cruzamentos entre sexualidade e gênero, além de representar como alguns participantes da própria comunidade LGBT se referem a si próprios de forma pejorativa. Isso aparece em outra fala do participante, quando diz:

(...) é um embate, vei, de re-re-reprovar a minha existência, sacou? É precisar argumentar coisas, precisar provar que eu tô ali e que é isso mesmo, saca? (PARTICIPANTE).

A partir de uma escuta analítica, entende-se que, no contexto dito, o participante estava falando acerca de uma necessidade de provar várias vezes a sua existência em relações em que sempre precisa argumentar sobre sua identidade de gênero. Porém, ao relatar “re-re-reprovar”, pensa-se em uma espécie de reprovação de sua existência, ou seja, um embate entre se auto rejeitar e se auto afirmar constantemente. Ele diz:

Tipo assim, minha transição começa a partir do momento que eu falo “Eu não sou cis”, dropado de papel, encostado num dos becos, do beco elétrico. (PARTICIPANTE).

Eu continuo sendo eu, eu continuo ainda me reconhecendo muito, só que me reconhecendo mais, sabe? (PARTICIPANTE).

Logo, é interessante como a linguagem se apresenta, de modo que, para se reconhecer como um homem trans, precisou dizer que não era uma pessoa cis e que a partir dessa negação se reconhece, ou seja, se conhece repetidas vezes, o que ocasiona a interdependência entre identidade e diferença (SILVA, 2000). O local também é curioso, um beco, um lugar escuro e, de certa maneira, escondido, como se dizer que não se talvez só fosse possível dizer que não se sente pertencente à norma social em um local obscuro, sem o olhar externo. Dessa forma, é possível pensar em uma identidade que não é fixa e imutável, e que, novamente, está à mercê da linguagem (HALL, 2006; SILVA, 2000; WOODWARD 2000).

Para finalizar, já que estamos falando de uma pessoa transgênero, acho importante ressaltar o processo de transcrição da entrevista, o qual é sobre realizar uma escrita a partir de um outro lugar, uma escrita da fala. Uma releitura de um discurso produzido em função de várias experiências vividas, assim como uma pessoa que se identifica com o gênero oposto ao qual lhe foi endereçado no nascimento. Da mesma forma, é a partir de diversas leituras da identidade que é possível pensar em uma constante transformação e uma permanente abertura daquilo que se pode ser e não-ser.

Em relação às análises, acho que algumas partes estão bem difíceis de compreender. O texto não está tão arrumado (em termos gramaticais e formais) quanto os capítulos anteriores. Há uma certa discrepância entre a qualidade dos capítulos teóricos e o das análises. Acho que há muitas citações e pouco desenvolvimento argumentativo. Além disso, algumas análises, a meu ver, ficaram um pouco forçadas. De um modo geral, gostei de algumas coisas da seção Complexo de Édipo e algumas desse último tópico. Minha sugestão seria a de tentar reduzir a quantidade de citações e concentrar-se mais nelas, desenvolvendo argumentos mais detalhados. Acho que o cap. das análises não perderia se ficasse menor. E, claro, é fundamental, quando analisamos uma entrevista, apresentar uma descrição da história do participante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, foram analisados temas como gênero e sexualidade, que ainda são considerados tabus na sociedade brasileira. Nesse sentido, foram de extrema importância as articulações teóricas feitas entre a pesquisa de campo e o discurso biográfico de Ney Matogrosso.

Foi possível analisar os discursos, tendo em vista a unicidade de cada história de vida e como que, frente a tantas particularidades, existe uma gama de modalidades de subjetivação no que concerne à sexualidade e ao gênero. Portanto, foi possível estabelecer articulações entre a teoria psicanalítica e as teorias sociais, tendo em vista a possibilidade de uma construção de pontes entre tais teorias, ao invés de afastamentos teóricos.

O conceito de identificação para Lacan perpassando um lugar de imagem-corpo, o qual necessita de um olhar externo para comprovação, juntamente à ideia de que só é possível falar de um saber a partir de um não-saber, ou seja, o sujeito só emerge no equívoco, no erro, naquilo que não permeia o seu consciente, contribuiu para uma ideia inicial de formação do “eu” em uma perspectiva psicanalítica (DOR, 1989; LACAN, 1949).

Assim como a concepção de identidade por Hall (2006), Madureira & Branco (2012), Silva (200) e Woodward (2000) também trouxeram importantes contribuições para a pesquisa. De modo que, ao falarem que aspectos históricos, sociológicos e culturais constituem a identidade, mas principalmente, a ideia de que eles não são determinantes ao ponto de tornar a identidade fixa e imutável, pelo contrário, eles influenciam a constante mudança e transformação, ocasionando em um “eu” dinâmico, que pode o tempo inteiro variar.

Acerca da sexualidade, é possível perceber que o complexo de Édipo ainda ocupa um lugar central na teoria psicanalítica e que, apesar de importantes contribuições da teoria da bissexualidade constitutiva, o complexo de Édipo é que subjetiva e determina grande parte da formação do sujeito. Nesse sentido, pode-se dizer que a psicanálise pode fomentar diferentes perspectivas que, futuramente, possam abarcar as novas identidades de gênero da contemporaneidade, tendo em vista que existem poucos estudos sobre transexualidade.

Porém, também é importante dizer que nenhuma teoria é absoluta. Portanto, um diálogo justo entre as teorias sociais junto à psicanálise tem muito a contribuir para diferentes perspectivas acerca de variados fenômenos presentes na sociedade.

Ambas as teorias falam a respeito da não possibilidade de uma percepção única da identidade, sendo que a psicanálise fala de estruturas clínicas e emersão do sujeito a partir de um não-saber e do inconsciente, enquanto as teorias sociais falam de uma dinamicidade da identidade. Outro ponto em comum é a concordância acerca de como a cultura e a sociedade são determinantes para a constituição de um indivíduo, de forma que não se é sem o outro, porém ambas ressaltam que os rótulos e categorias são importantes para uma possível desconstrução daquilo que construíram em cima do “eu”.

Evidencia-se, também, a importância de pesquisas que permitam desmistificar o preconceito e as práticas discriminatórias da população LGBT. A homofobia e o sexismo, são exemplos de elementos culturais, que contribuem para a manutenção de práticas violentas contra a comunidade LGBT, além do machismo, transfobia, entre outros. Tais práticas, contribuem para uma invisibilização dessas pessoas, e, também para uma incitação de violências psicológicas, físicas, morais, entre outras. Compreende-se como necessário o aprofundamento da discussão dessas práticas violentas em debates públicos, visando a promoção de políticas públicas, que eliminem as fronteiras rígidas, físicas e simbólicas e que, por sua vez, desconsideram o sofrimento psíquico, além de nos separar do essencial encontro com a diferença, com o Outro da diferença.

Esse estudo, de modo geral, buscou apresentar as diferentes formas de subjetivação no que concerne à sexualidade e ao gênero, ao falar sobre diferentes formas de masculinidade e feminilidade, assim como de se relacionar sexualmente. Dessa forma, percebe-se que a linguagem ainda é um importante fator constituinte da forma que percebemos o mundo e as regras que o governam pois, ao mesmo tempo que ela torna possível a comunicação e as diferentes formas de expressão, também é limitadora dos mesmos.

Por fim, ressalta-se a importância da continuidade de estudos acerca dos temas retratados, considerando a dinamicidade e constante transformação da sociedade, principalmente no que diz respeito a novas formas de identidade e sexualidade. Tais âmbitos estão passando por um momento de muitas discussões e ressignificações e percebe-se que a ciência psicológica tem em muito para contribuir, pois o sofrimento psíquico, em função de tais temas, tem tomado cada vez mais espaço na clínica, não só psicanalítica, mas psicológica em geral e, portanto, vê-se como necessário o prosseguimento de estudos nessa área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial. **Soc. estado**. Brasília, v. 29, n. 2, p. 329-340, 2014.
- AMBRA, Pedro Eduardo Silva. **A noção de homem em Lacan: uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente**. 2013. 128f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. São Paulo, 2013.
- AMBRA, Pedro. Gênero e identificação. Rio de Janeiro. **Stylus Revista de Psicanálise**. n. 35, p. 33-50, fevereiro, 2018.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Berenice. **Política da diferença: feminismos e transexualidades**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Editora Garamond, 2006.
- BIRMAN, Joel. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Natureza humana**, v. 8, n. 1, p. 163-180, 2006.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Editora Record, 2001.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CARNEIRO, Cláudia Aparecida. **Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica na constituição do sujeito**. 2017. 121f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Brasília, 2017.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 2, n. 02, 2008.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 15, n. 161, p. 88-98, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: Várias autoras, **Perspectivas antropológicas da mulher**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, v. 4, n. 4, p. 25-62, 1985.
- CINTRA, Ana Lúcia; CLEMENS, Juçara, SOUZA, Mériti. Ser menino, ser menina: é tão simples assim? **SIG: Revista de Psicanálise**, v.4, p.57-72, 2015.

- COELHO, Mateus Gustavo. **Gêneros Desviantes: o conceito de gênero em Judith Butler**. 2018. 101f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2018.
- COSSI, Rafael Kalaf; DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Diferença Sexual de Butler a Lacan. **Psicologia: teoria e pesquisa**, São Paulo, v.33, p 1-8, 2017.
- DA SILVA, Clarice Moreira; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 36, n. 3, p. 520-533, 2016.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, Brasília, 2012.
- DELEUZE, Gilles. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo. Editora 34, 2010.
- DOR, Joel. Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre. Artmed, 1989.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.
- FOUCAULT, Michael. **Os anormais**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.
- FREUD, Sigmund. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: _____. **Obras completas**. v.II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1901-1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Obras completas**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1917). Luto e melancolia. **Obras completas**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2010.
- _____. (1923-1925). O Eu e o Id. **Obras completas**. v.16. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2011.
- _____. (1908). As fantasias histéricas e suas relações com a bissexualidade. **Obras completas**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. **Obras completas**. v. 8. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. **Obras completas**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo. Editora: Claridade, 2018.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor Ltda, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 39, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, vol. 1: as bases conceituais. Zahar, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Espaço do currículo**, v. 2, n. 2, p. 208-230, 2010.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. Escritos. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, 2001. 1949.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. Seminário empreendido em 1971.

LAGOAS, Juliano Moreira. **O problema da percepção na psicanálise de Freud a Lacan**. 2016. 193f. Dissertação (Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação de Psicologia Clínica e Cultura, Brasília, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago, 2008.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Angela Uchoa. **Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito**. 2007.

MARQUES, Daiane Maus. **É possível uma psicanálise não-heteronormativa? Complexo de Édipo e homossexualidade nos artigos da Revista Brasileira de Psicanálise**. 2015. 139f. Dissertação (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Rio Grande do Sul, 2015.

MATOGROSSO, Ney; MELLO, Ramon Nunes. **Vira-lata de raça: memórias**. Tordesilhas, 2018.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo in Freud: the movement of a theory. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 2, p. 219-227, 2004.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; BORGES, Adriana Araújo Pereira. A castração e seus destinos na construção da paternidade. **Psicologia Clínica**, v. 22, n. 2, p. 71-81, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. Ed. Campinas. Pontes, 2012.

PERELSON, Simone; HASKY, Flávia. A tecnociência, a medicina da reprodução e a psicanálise: uma nova peste? **SIG: Revista de Psicanálise**, v. 4, p. 11-21, 2015.

PRATA, Maria Regina. O normal e o patológico em Freud. Rio de Janeiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 9, p. 37-81, 1999.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dictionnaire de la psychanalyse**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 1998.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 637-649, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. 1995.

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. **Departamento de Antropologia**, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

SEGATO, Rita. A célula violenta que Lacan não viu: um diálogo (tenso) entre a antropologia e a psicanálise. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu et al. **A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2018.

VAN HAUTE, P.; GEYSKENS, T. **Psicanálise sem Édipo. Uma antropologia clínica da histeria nos trabalhos de Freud e Lacan**. 2016.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.

ANEXO

ANEXO I – Perguntas para nortear a entrevista

1. Gostaria que me contasse um pouco da sua história de vida.
2. Como é sua vivência em relação a sua sexualidade?
3. O que significa gênero para você?
4. O que significa ser homem para você?
5. Quais as dificuldades enfrentadas nesse processo de se assumir?